

II encontro

:a:UNIVERSIDADE:
:DE:LISBOA:e:O:
:PATRIMÓNIO:



Centro de Investigação
e Estudos em Belas-Artes (CIEBA), Faculdade
de Belas-Artes, Universidade de Lisboa
Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058
Lisboa, Portugal

Organização e edição
FACULDADE DE BELAS-ARTES
UNIVERSIDADE DE LISBOA
Largo da Academia Nacional
de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa
Tel. [+351] 213 252 108
comunicacao@belasartes.ulisboa.pt
www.belasartes.Ulisboa.pt

Coordenação editorial

Alice Nogueira Alves

Projeto de design gráfico

Jorge dos Reis

Paginação

Tomás Gouveia

ISBN

978-989-8944-26-9

O conteúdo dos resumos é da inteira responsabilidade
dos seus autores.

Organização

U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

b
—
a

cieba

belas-artes
ulisboa

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Apoio



II encontro

**:a:UNIVERSIDADE:
:DE:LISBOA:e:o:
:PATRIMÓNIO:**

27 a 30 de novembro, 2019



Faculdade de Belas-Artes

Universidade de Lisboa

ÍNDICE

- 9 APRESENTAÇÃO
10 COMISSÕES

O PATRIMÓNIO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Keynote speakers

- 13 Marta C. Lourenço – *Património da Universidade de Lisboa: Intersecções, Centralidade e Visibilidade*
14 Maria Isabel Dias, Fernando António Baptista Pereira – *Uma proposta de nova licenciatura na ULisboa: Ciências da Conservação e Tecnologias para o Património – Conservation Science and Technologies for Heritage*

Comunicações

- 28 Carlos Alberto Ferreira Fernandes, Moisés Simões Piedade – *Museu Faraday – Uma herança recente de ciência e património*
20 Carlos Fabião, Mariana Diniz, Catarina Viegas – *Patrimónios e Ilustração: modos e meios de registo, interpretação e preservação do Património Arqueológico, na ULisboa*
21 Ricardo R. Santos, André Silva, Maria João Machado, Lurdes Barata, Susana Oliveira Henriques – *Museu da Memória de Medicina: a «memória viva» enquanto património histórico da Faculdade de Medicina de Universidade de Lisboa*
22 Alice Nogueira Alves, Luísa Arruda – *As coleções da “Cidade das Belas-Artes de Lisboa”*
24 Graça Alexandre-Pires, Elisa Luz, Berta São Braz, Isabel Neto, Luís Madeira de Carvalho, Rui Manuel Caldeira – *Da memória e do acervo material da mais antiga Instituição de Ensino das Ciências Veterinárias em Portugal*
27 Madalena Fonseca, Inês Pinto, Manuela Abreu, Fernando Monteiro, Nuno Cortez – *As Coleções Pedológicas do Instituto Superior de Agronomia*
28 Elisabete Malafaia, Pedro Mocho, Fernando Escaso, Francisco Ortega – *Colecção paleontológica de Andrés e a sua importância no conhecimento e divulgação de Ciência*
29 Pedro Arsénio, Maria M. Romeiras, Ana Luísa Soares, Ana Raquel Cunha, Paulo Forte, Teresa Vasconcelos – *O Parque Botânico da Tapada da Ajuda e a divulgação do seu Património Natural*
30 Luís Jorge Gonçalves – *A incorporação do legado do Mestre Lagoa Henriques na Faculdade de Belas-Artes: memória de um processo*
31 Maria Eduarda M. Araújo – *A identificação de materiais orgânicos em obras pertencentes ao património cultural: um exemplo de cooperação entre duas Escolas da ULisboa, FCUL e FBAUL*
32 Sofia Marçal – *A Sala do Veado – Um projecto experimental de Arte Contemporânea no Museu Nacional de História Natural e da Ciência*
33 Carlos Galhardo Branco – *A musealização da coleção de pele humana tatuada da FMUL na consolidação da importância museológica da coleção portuguesa homóloga*

- 34 Manuel F. C. Pereira, Carla Rocha, A. Maurício, Cândida Vaz, Catarina Abranches, Isabel V. Marcos – *Da crença ao conhecimento. Águas minerais e termais portuguesas à luz dos espólios do Instituto Superior Técnico*
- 35 Ana Bailão, Liliana Cardeira, Ana Guerin, Frederico Henriques – *A pintura Au Soir de Artur Alves Cardoso: do financiamento à intervenção de conservação e restauro*
- 36 Isabel Marques Vaz Marcos – *Revista Técnica e a fotografia de capa como “testemunho do esmero havido em preparar os estudantes para o seu mester”*
- 37 Ana Mafalda Cardeira – *O processo criativo da pintura de modelo nu na transição do século XIX para o XX na FBAUL: Contribuição para o estudo da ‘absorção controlada’ das novas vanguardas*
- 39 Jorge dos Reis – *O revestimento a painéis de azulejos padronizados do edifício da reitoria por Fred Kradolfer em contraponto com o projecto de design gráfico para os Encontros do Património da Universidade de Lisboa*
- 40 Ana Silva Rigueiro – *Gestão do Arquivo na Universidade de Lisboa – o projeto em curso*
- 41 Marta Frade – *10 anos a conservar e restaurar obras do acervo escultórico da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa*
- 42 Odete Palaré – *Superfícies regradas de Théodore Olivier no MUHNAC*
- 43 Anabela Cardeira Arranja, Alice Nogueira Alves – *A coleção de azulejaria antiga da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa*
- 45 Liliana Cardeira, Ana Bailão, João Pais – *Contributos para a salvaguarda da coleção de pintura da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa*
- 46 Alberto Faria – *Património de ensino artístico da FBAUL: coleções de desenho antigo e Litografia (1830-1935)*
- 47 André das Neves Afonso – *Uma doação exemplar. O South Kensington Museum e a doação de 1866 à Academia Real de Belas-Artes de Lisboa*
- 49 Clotilde Pratas, Alice Nogueira Alves – *Desenho Contemporâneo da FBAUL – Inventariação, Estudo e Preservação*
- 50 Ana Sofia Neves, Ana Bailão, Andreia Ferreira – *Volte Face – medalha contemporânea: acervo de medalhas contemporâneas da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL)*
- 52 Oseias de Souza, Marta Frade – *A problemática nos tratamentos das estruturas internas em ferro nas obras em gesso na reserva de escultura da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa*
- 53 Andreia Tocha, Henrique Costa, Eduardo Duarte, Marta Frade – *Reconstrução Volumétrica da escultura O Órfão (1871)*
- 54 Joana Marta Pernes, Manuel F. C. Pereira – *Diamang nos Museus de Geociências do IST*
- 55 Guilherme Gameiro Lopes, Alice Nogueira Alves, Marta Frade – *A utilização de códigos QR no combate à dissociação em coleções museológicas – o caso da reserva de Escultura da Faculdade de Belas-Artes*

Pósteres

- 58 Manuel Francisco C. Pereira – *Coleção de Arqueologia dos Museus de Geociências do IST*
- 59 Diana Moreira Dinis, Isabel Maria Dinis Correia Ritto, Alice Nogueira Alves – *A coleção osteológica da FBAUL: uma coleção dedicada ao Ensino*
- 60 Vanda Faria dos Santos, Fernando Barroso-Barcenilla, Mélani Berrocal-Casero, José Manuel Brandão, Pedro Miguel Callapez – *Coleções paleontológicas do Museu Nacional de História Natural e da Ciência (Lisboa, Portugal): interesse científico, educativo e cultural*
- 61 Amélia Dionísio – *Do Centro de Petrologia e Geoquímica (CEPGIST) ao Centro de Recursos Naturais e Ambiente (CERENA) do Instituto Superior Técnico: O contributo para a salvaguarda e preservação do Património Cultural Construído em Pedra.*
- 62 Mariana Diniz, Luís Ribeiro – *Jardim Botânico Tropical (JBT), Belém – e sob a relva, a História? Acompanhamento arqueológico na primeira fase da intervenção da obra de requalificação do (JBT), da Universidade de Lisboa*
- 63 Marta Frade, Ana Margarida Santos, André Salvado, Ariana Ribeiro, Catarina Caetano, Diogo Cunha, Fabiana Pedro, Filipa Costa, Guilherme Magalhães, Rodrigo Pedroso, Tiago Brandão, Maria Helena Espada, Leonardo Vieira, Matilde Pereira, Laura Santos, Marta Montero, Rodrigo Alves, Luís Miguel Jacinto, Pedro Silvestre, Vitória Pereira, Ana Mafalda Cardeira – *A conservação e restauro da réplica em gesso do púlpito da igreja de Santa Cruz de Coimbra da Reserva de Escultura da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa*
- 65 Teresa Rodrigues Boa, Marisa Santos, Cristina Manessiez – *Conhecer os professores de Ciências entre 1911 e 1974*
- 66 Manuel Francisco Costa Pereira – *Dar de beber à dor! O espólio sobre a água nos Museus de Geociências do IST*

O ESTUDO DO PATRIMÓNIO NA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Keynote speakers

- 69 Artur Ramos – *Desenho de património: a (re)construção da memória*
- 70 Maria Isabel Marques Dias – *Ciências para o Património Cultural: investigação, inovação e tecnologias*

Comunicações

- 73 Sara Navarro – *Representing the Human in Prehistory: the consequences of life and larger than life-size figurines*
- 74 António Maurício, Manuel Francisco, Carlos Figueiredo – *Microtomografia de raios-x, ferramenta não destrutiva para caracterização 3D de materiais em arte e ciência*
- 75 Victoria Corregidor, João Cruz, Luís Cerqueira Alves – *Cultural heritage artefacts and ion beam analytical techniques*
- 76 M. Fátima Araújo – *Arqueometalurgia no território português – a contribuição do C2TN (IST)*

- 77 Luís Filipe Vieira Ferreira, Isabel Ferreira Machado, Manuel Francisco Costa Pereira – *Archaeometric methodologies applied to cultural heritage. Two case studies*
- 78 Ana Luísa Rodrigues, Maria Isabel Dias – *O contributo da luminescência para a autenticidade e datação do Património Cultural*
- 79 Carla Mora – *O desenho e a ilustração na investigação e na comunicação em Geografia*
- 80 Rita Nobre Peralta, Alice Nogueira Alves – *Estudo de um conjunto de gravuras de Rafael Bordalo Pinheiro – Ciências da arte e conservação do património gráfico*
- 81 Graziela Salvatori de Menezes – *Não basta olhar, é preciso ver: A arte em azulejos nas estações do metro de Lisboa*
- 82 André Rosado Guedes – *Ter o museu na mão – A Tecnologia Beacon na Museologia*
- 83 Bruna Lobo – *O património encenado pelo Turismo: uma reflexão teórica*
- 84 Diana de Almeida Ramos, Alice Nogueira Alves – *Na senda do autêntico. A falsificação artística em Portugal e a sua relação com os métodos laboratoriais*
- 85 Hugo Passarinho, Henrique Costa – *O cartaz de cinema português como património. Um caso de estudo de 1895 a 1960*
- 86 Camila Mortari, Alexandre Nobre Pais, Alexandra Gago da Câmara, Marta Manso – *Maria Keil e o Azulejo em Lisboa: Estudo material de 10 painéis nas estações do metropolitano*
- 88 Miguel Matos Gomes, Alice Nogueira Alves – *Conservação preventiva de coleções no património edificado adaptado*

Pósteres

- 90 Manuel Francisco C. Pereira, Inês G. B. Pinto, Liliana Póvoas – *Primeira Carta Geológica de Angola – missão, protagonistas e coleções*
- 91 Pedro Valério, Maria Fátima Araújo, António M. Monge Soares, Susana S. Gomes, Filipa Lopes, Rui J.C. Silva – *A tecnologia metalúrgica antiga no sudoeste da Península Ibérica*
- 92 Clara Moura Soares – *O restauro do Mosteiro da Batalha no século XIX: As infiltrações como uma das “causas principais da ruína do edifício”*
- 94 Victoria Corregidor, Renato Dias, Norberto Caterino, Carlos Cruz, Luís Cerqueira Alves, João Cruz – *Reflectance Transformation Imaging to study of cultural heritage objects*
- 95 Ana Luísa Rodrigues, Maria Isabel Dias, António Carlos Valera, Maria Isabel Prudêncio, Rosa Marques, Dulce Russo – *Variações composicionais e de luminescência em cerâmicas arqueológicas – contributo para o estudo da dinâmica de preenchimento em fossos pré-históricos (Perdigões, Portugal)*
- 96 Carlos Figueiredo, António Maurício, Manuel Francisco – *Basílica da Estrela: A pedra, patologias e mecanismos de alteração*
- 97 Alexandra Pinto Rodrigues, Maria Helena Casimiro, Raquel Valadares Barrulas, Tiago Gil Paiva, Sílvia Oliveira Sequeira, Marta Cristina Corvo, Virgílio Hipólito Correia, João Coroado, Luís Mota Ferreira – *Materiais de base polimérica processados por radiação ionizante para a conservação de mosaicos romanos e de documentos e obras de arte em papel*

Workshops

- 99** Marta Manso – *A importância dos Métodos de Exame e de Análise no estudo do Património Cultural e Artístico*
- 100** Alice Nogueira Alves, Marta Frade – *Os valores do Património Contemporâneo*

APRESENTAÇÃO

Na sequência da edição de 2018, realizou-se entre os dias 27 e 30 de novembro de 2019 a segunda edição do Encontro — *A Universidade de Lisboa e o Património*, organizado pela Faculdade de Belas-Artes, em conjunto com a Reitoria e com a colaboração das Escolas da ULisboa.

Neste encontro pretendeu-se a realização de uma abordagem global ao notável património cultural e natural da ULisboa, nas suas múltiplas vertentes – científica, artística, histórica e arquitetónica – reunindo património do saber e da ciência, representado pelos seus edifícios, museus, bibliotecas, arquivos, laboratórios, jardins e coleções, que são identificados como fontes de memória, compreensão, identidade, diálogo, coesão e criatividade.

A importância de iniciativas desta natureza fundamenta-se nas diretrizes internacionais, segundo as quais cabe às instituições a responsabilidade da preservação dos seus elementos patrimoniais e da sua divulgação. Este papel deve ser acentuado no contexto de uma instituição de ensino superior, considerada como a detentora de todos os testemunhos materiais e imateriais da evolução do ensino nacional e europeu nos últimos séculos.

O debate entre as várias escolas da ULisboa visa a promoção do cruzamento dos diversos domínios do conhecimento e do saber, desenvolvidos nas suas Faculdades, Institutos e Centros de Investigação, que trabalham as mais variadas áreas, desde as Artes e Humanidades, às Ciências e Tecnologias. Tem também como objetivo estimular a criação de novas sinergias resultantes de uma visão transdisciplinar no seio da ULisboa.

Este encontro pretendeu ainda reforçar a educação da comunidade académica para a importância do seu património único, e fomentar a contribuição de todos para o estudo e estabelecimento de estratégias de salvaguarda, preservação, valorização e divulgação deste importante recurso para a construção de uma identidade comum.

Linhas temáticas:

- Ilustração literária, científica, arqueológica, artística e paisagística;
- Estudo, Dinamização e Divulgação do Património e das Coleções da ULisboa;
- Estratégias na ULisboa para a Valorização, Preservação, Conservação e Restauro do Património.

Neste livro de resumos encontram-se reunidos os contributos de professores, investigadores e alunos de várias unidades da ULisboa que têm estudado, investigado e contribuído para a preservação e divulgação do património da instituição e do património exterior de Portugal e do mundo.

Unidades orgânicas representadas:

- Reitoria
- Museu Nacional de História Natural e da Ciência
- Faculdade de Belas-Artes
- Instituto Superior Técnico
- Faculdade de Letras
- Faculdade de Medicina
- Faculdade de Arquitetura
- Faculdade de Ciências
- Faculdade de Medicina Veterinária
- Instituto Superior de Agronomia
- Instituto de Geografia e Ordenamento do Território.

COMISSÕES

Comissão Executiva e Organizadora

Alice Nogueira Alves (FBA)
Ana Bailão (FBA)
Ana Mafalda Cardeira (FBA)
Cristina Tavares (FBA)
Eduardo Brito-Henriques (IGOT)
Eduardo Duarte (FBA)
Fernando António Baptista Pereira (FBA)
Filipa Soares (IST)
João Pais (FBA)
João Paulo Martins (FA)
Jorge dos Reis (FBA)
Luísa Arruda (FBA)
Luís Jorge Gonçalves (FBA)
Maria Isabel Dias (IST-CTN)
Maria Teresa Sabido (FBA)
Mariana Diniz (FL)
Marta Frade (FBA)
Marta Lourenço (MUHNAC)
Marta Manso (FBA)
Palmira Siva (IST)
Pedro Arsénio (ISA)
Odete Palaré (FBA)
Virgínia Glória Nascimento (FBA)

Comissão Científica

António Vaz Carneiro (FM)
Artur Ramos (FBA)
Carlos Fabião (FL)
Eduardo Brito-Henriques (IGOT)
Fernando António Baptista Pereira (FBA)
Henrique Leitão (FC)
João Paulo Martins (FA)
Luísa Arruda (FBA)
Maria Isabel Dias (IST-CTN)
Maria João Mogarro (IE)
Maria João Neto (FL)
Marta Lourenço (MUNHAC)
Susana Henriques (FM)
Vítor Serrão (FL-ANBA)

Comissão de Honra

Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa
Presidente da República

Professor Doutor António Cruz Serra
Reitor da Universidade de Lisboa

Professor Doutor José Manuel Pinto-Paixão
Vice-Reitor da Universidade de Lisboa

Professor Doutor António Feijó
Pró-Reitor da Universidade de Lisboa

Dra. Catarina Vaz Pinto
Vereadora da Cultura da Câmara Mun. de Lisboa

Professor Doutor Carlos da Costa Salema
Presidente da Academia das Ciências

Doutora Emília Ferreira
Diretora do Museu Nac. de Arte Contemporânea

Almirante Francisco Vidal Abreu
Presidente da Academia de Marinha

Professor Doutor Guilherme d'Oliveira Martins
Administrador da Fundação Calouste Gulbenkian

Professor Catedrático Luís Aires Barros
Presidente da Sociedade de Geografia

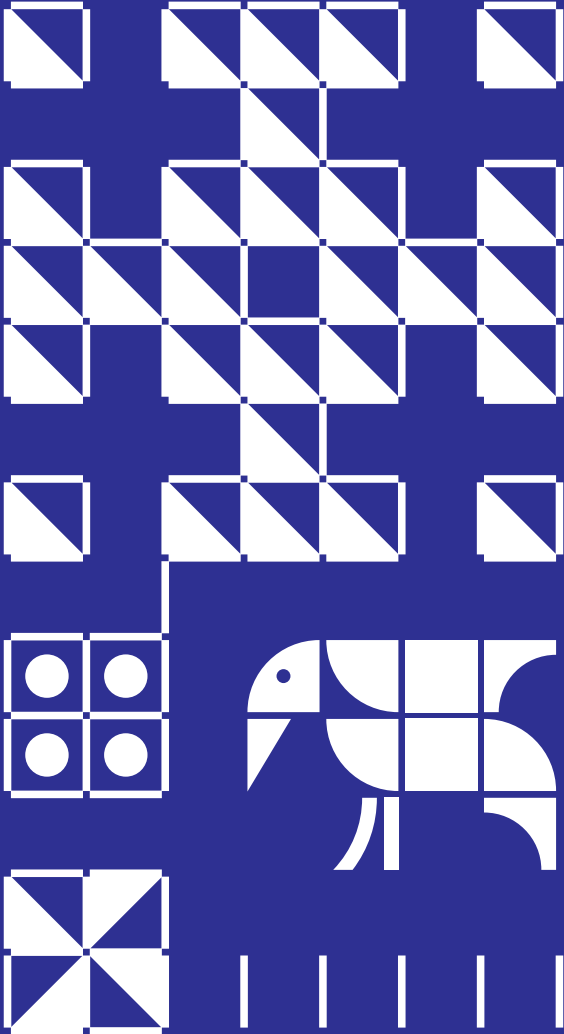
Professora Doutora Manuela de Matos
Fernandes
Presidente da Academia Portuguesa da História

Professora Doutora Maria Calado
Presidente do Centro Nacional de Cultura

Doutora Natália Correia Guedes
Presidente da Academia Nacional de Belas-Artes

O Património da Universidade de Lisboa

Keynote speakers



PATRIMÓNIO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA: INTERSECÇÕES, CENTRALIDADE E VISIBILIDADE

Marta C. Lourenço (1)

(1) MUHNAC-ULISBOA/UMAC/CIUHCT.

Em anos recentes, a sensibilização das universidades em torno do seu património, jardins, coleções, museus e arquivos, tem sido extraordinária, particularmente na Europa. As iniciativas de valorização têm vindo a multiplicar-se no sentido de atingir públicos cada vez mais diversos. Mobilizam-se estudantes, investigadores e docentes, para dimensões inovadoras de utilização do património para o ensino e investigação. Exploram-se novos modelos, mais interdisciplinares e transversais, de programação e gestão. Nesta comunicação, farei um estado da arte das iniciativas recentes a nível do património universitário, seguido de uma reflexão sobre o património da Universidade de Lisboa na sua relação com a comunidade académica, a cidade e o mundo.

Marta C. Lourenço é investigadora do Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa desde 2006, tendo assumido o cargo de diretora em 2019. Possui formação de base em Física (Universidade de Lisboa, 1992), Mestrado em Museologia (Universidade Nova de Lisboa, 2000) e Doutoramento em Museologia e História da Técnica (Conservatoire National des Arts et Métiers, Paris, 2005). Tem extensa obra publicada nos domínios do património cultural das universidades, património científico e história dos museus e coleções científicas, que são igualmente os seus domínios preferenciais de orientação de alunos e de projetos de investigação nacionais e internacionais. Coordenou o levantamento do património cultural da Universidade de Lisboa em 2010-2011 e em 2015-2016, ambos publicados. É coordenadora nacional do PRISC (*Portuguese Research Infrastructure of Scientific Collections*), integrado no roteiro português de infraestruturas estratégicas de investigação.

Tem integrado as direções de organizações nacionais e internacionais de museus e de história da ciência, nomeadamente a *European Academic Heritage Network, Universeum* (2010-2016), a *Scientific Instruments Commission da International Union for the History and Philosophy of Science* (2013-2017), o *History of Physics Group da European Physical Society* (2009-2016) e a Comissão Nacional Portuguesa do ICOM (2008-2014). É atualmente Presidente do Comité Internacional do ICOM para os Museus e Coleções Universitárias (UMAC).

Faz parte do Conselho Consultivo do *Science History Institute* de Philadelphia (USA) desde 2017, e integra, como personalidade convidada, o Conselho Nacional de Cultura, Secção dos Museus, da Conservação e Restauro e do Património Imaterial desde 2013.

UMA PROPOSTA DE NOVA LICENCIATURA NA ULisboa: CIÊNCIAS DA CONSERVAÇÃO E TECNOLOGIAS PARA O PATRIMÓNIO CONSERVATION SCIENCE AND TECHNOLOGIES FOR HERITAGE

Maria Isabel Dias (1), Fernando António Baptista Pereira (2)

(1) Centro de Ciências e Tecnologias Nucleares (C2TN), Departamento de Engenharia e Ciências Nucleares (DECN), Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa.

(2) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA).

A proposta conjunta do IST e da FBA de uma licenciatura em CIÊNCIAS DA CONSERVAÇÃO E TECNOLOGIAS PARA O PATRIMÓNIO resulta naturalmente das sinergias existentes entre estas duas escolas da Universidade de Lisboa, cruciais à oferta de uma licenciatura que vem colmatar uma lacuna existente a nível nacional. Com efeito, pretende-se qualificar alunos com uma valência verdadeiramente interdisciplinar de conhecimentos artísticos e culturais e de ferramentas científico-tecnológicas para a conservação e preservação do património cultural.

O programa desta licenciatura, transversal a diversas escolas da ULisboa, procurará qualificar o aluno com uma estrutura intelectual interdisciplinar e sofisticada, preparando-o para enfrentar os desafios futuros nos domínios do património à escala local e global. Os alunos ficam habilitados não só a classificar os objetos de acordo com os valores artísticos e culturais corretos, mas também a diagnosticar o estado de conservação e a serem capazes de organizar intervenções diretas e indiretas para limitar os processos de degradação dos materiais que constituem o património, a fim de garantir o estado de conservação e salvaguardar o seu valor cultural para a sociedade.

Serão elencados como materiais alvos de intervenção os de pedra e de construção relacionados, superfícies decoradas em arquitetura, artefactos cerâmicos, de vidro, líticos e liga metálicas, esculturas, pinturas, os jardins históricos, entre outros.

A estrutura curricular desdobrar-se-á por 3 / 4 anos, sendo que o 4º Ano será composto por estágios curriculares e profissionais em museus, fundações, arquivos, empresas e autarquias, entre outros. Apresentará como Tronco Comum as seguintes valências disciplinares: Física e Química dos Materiais; Ciências da Conservação e Tecnologias para o Património (métodos de exame e análise); História de Arte e Teoria do Restauro; Desenho e Tecnologias Artísticas; Tecnologias Digitais aplicadas ao Património. Prevêm-se os seguintes *Minors*: Conservação do Património Móvel; Conservação do Património Imóvel; Conservação do Património Natural; Autenticidade e Peritagem do Património.

Maria Isabel Dias nasceu em Lisboa em 1965, é investigadora principal (c/agregação) do Departamento de Engenharia e Ciências Nucleares, e membro do grupo Engenharia e Técnicas Nucleares do Centro de Ciências e Tecnologias Nucleares – C2TN, grupo que coordena desde 2015, no Campus Tecnológico e Nuclear (CTN), Instituto Superior Técnico (IST). É desde 2015

membro do Conselho de Escola do IST, desde 2014 membro da Comissão de Gestão do CTN, IST, e desde 2005 responsável pelo laboratório de datação por luminescência. Especializou-se (MSc e PhD) em Mineralogia, Geoquímica e Tecnologia de Argilas na FCUL, e fez a Agregação em Georrecursos em 2015, no Departamento de Engenharia Civil, Arquitectura e Georrecursos, IST. Tem um percurso interdisciplinar em áreas como o ambiente e o património cultural, desenvolvido no então Instituto Tecnológico e Nuclear, desde 1998, onde desenvolveu aptidões na Aplicação de Métodos Nucleares de Análise em Geociências, Georrecursos, NORM, Ambiente, Arqueologia, História de Arte, etc. Actualmente participa nas linhas de actividade: Radioactividade ambiental; Geoprocessos, recursos geológicos estratégicos e mudanças climáticas; Ambiente – impacto antropogénico, tratamento e reciclagem; Património Cultural – materiais e contextos. Pertence a várias associações profissionais nacionais e internacionais, e foi Presidente da Sociedade Ibérica de Arqueometria Aplicada ao Património Cultural. Participou/coordenou projectos de I&D nacionais e internacionais, e congressos internacionais. Tem sido membro do Painel Nacional de Avaliação da FCT para bolsas de doutoramento e pós-doutoramento em Arqueometria e avaliadora de projetos europeus H2020.

Orientação de Teses: PhD (4), MSc (6) e estágios (6).

Orientações de pós-doutoramentos: 5.

Publicações: Capítulos de livros – 30; Revistas internacionais (ISI indexed) – 115; Outras revistas – 30; Actas de conferências nacionais e internacionais - 45. Comunicações em conferências nacionais e internacionais: Oradora Convidada – 40; Comunicações Orais – 125 e em Poster- 133.

Fernando António Baptista Pereira nasceu em Lisboa, em 1953. Licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pós-graduado em Museologia pelo antigo Instituto Português do Património Cultural e doutorado em Ciências da Arte (História da Arte) pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Ensina na Universidade de Lisboa (na Faculdade de Letras, de 1979 a 1986, e na Faculdade de Belas-Artes desde 1987), sendo atualmente Professor Associado na de Belas-Artes, onde desempenhou as funções de Presidente do Conselho Pedagógico (2006-2011), do Conselho Científico (2012-2017) e de Diretor do Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA), de 2010 a 2016, sendo também autor de Planos de Estudos de diversos Ciclos de Estudos dessa faculdade, designadamente da Licenciatura em Ciências da Arte e do Património e dos Mestrados em Museologia e Museografia e em Ciências da Conservação, Restauro e Produção de Arte Contemporânea. Orientou mais de sessenta dissertações de Mestrado em diversas especialidades (com destaque para a Museologia) e quinze teses de Doutoramento em Ciências da Arte e do Património.

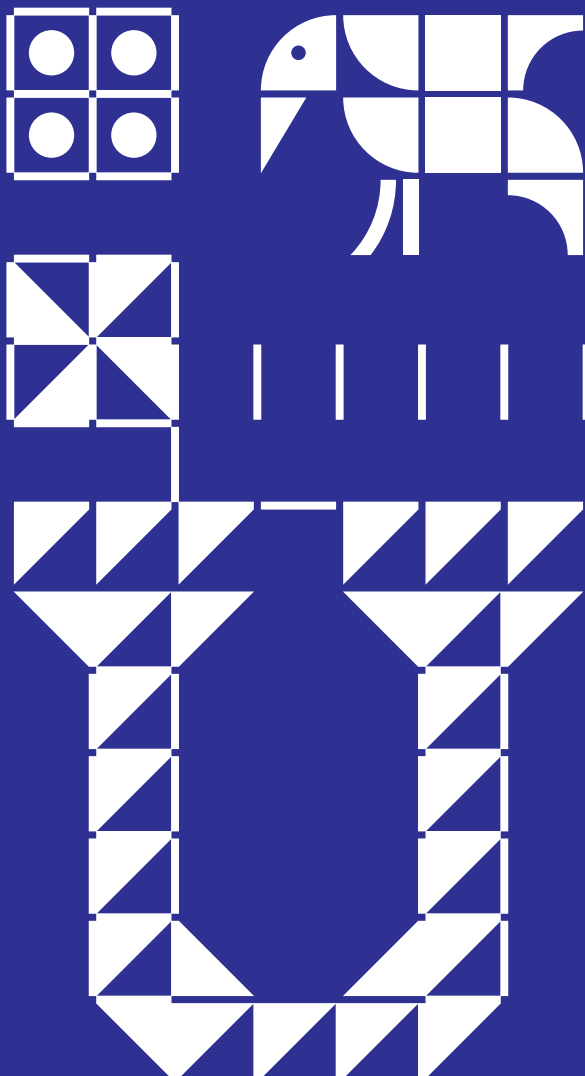
Tem vasta e diversificada obra publicada nos domínios da História da Arte e da Cultura Portuguesas, da Crítica de Arte e da Museologia e do Património, salientando-se, entre os livros, *História da Arte Portuguesa, 1500-1800*, Lisboa, Universidade Aberta, 1993, *Arte Portuguesa da Época dos Descobrimentos / Portuguese Art at the Time of the Discoveries*, Lisboa, Correios de Portugal, 1996, *Arte Flamenga do Museu de Arte Sacra do Funchal*, Funchal, Edicarte, 1997 (escrito em colaboração com Luiza Clode), *O Alto-relevo Gótico de Santiago Combatendo os Mouros da Matriz de Santiago do Cacém*, Santiago do Cacém, 2001 (escrito em colaboração com José

António Falcão) e a coordenação dos volumes dedicados às obras dos artistas Maria Lucília Moita, Moita Macedo e Nuno Barreto, editados já no século XXI.

É autor do Conceito e da Programação de vários Museus e de grandes Exposições nacionais e internacionais em Portugal, em Espanha, no Brasil e em Macau, assim como foi o responsável pela coordenação científica dos respetivos catálogos, destacando-se o *Museu do Trabalho de Setúbal*, Menção Honrosa do Prémio Museu Europeu do Ano, em 1997, e Prémio Museu do Ano, da Associação Portuguesa de Museologia, no mesmo ano, o Museu do Oriente (2008, Prémio Museu do Ano, da Associação Portuguesa de Museologia, em 2009) e o Museu Ibérico de Arqueologia e Arte de Abrantes (nomeadamente das suas exposições de Antevisão, 1, 2, 3 e 4, de 2009 a 2012). Foi também o Comissário Científico da Exposição do Museu Hermitage de S. Petersburgo em Portugal («Arte e Cultura do Império Russo. De Pedro-o-Grande a Nicolau II», 2007) e o Revisor Científico da *Nova História da Arte de Janson*, publicada em Janeiro de 2010 pela Fundação Calouste Gulbenkian. Foi Comissário da Exposição *As Ilhas do Ouro Branco. A encomenda Artística na Madeira nos séculos XV e XVI*, Lisboa: MNAA, 2017-2018 (Prémio APOM Melhor Exposição).

De 1 de Fevereiro de 2017 a 15 de Outubro de 2018 foi Adjunto do Ministro da Cultura Embaixador Luís Filipe Castro Mendes. Desde então regressou à Faculdade de Belas-Artes onde assumiu, por eleição, a Presidência da Faculdade a partir de Março de 2019.

Comunicações



MUSEU FARADAY – UMA HERANÇA RECENTE DE CIÊNCIA E PATRIMÓNIO FARADAY MUSEUM – A RECENT HERITAGE OF SCIENCE AND PATRIMONY

Carlos Alberto Ferreira Fernandes (1), Moisés Simões Piedade (1)

(1) DEEC, IST.

As coleções, os arquivos e as bibliotecas constituem um património que é uma parte relevante da cultura e da identidade de um país. O interesse pelo património existente nas universidades é recente mas tem vindo a crescer consideravelmente. A criação de núcleos museológicos nas universidades representa, para além da preservação e da organização do espólio existente, a possibilidade de divulgação da história da escola, não só para o mundo universitário mas para a comunidade. Esta terceira “via”, onde os museus e espaços afins se inserem, não deve ser entendida como uma alternativa, mas como uma *ponte*, que complementar os paradigmas comumente atribuídos a uma escola universitária. O MF conta com mais de 800 peças já identificadas e catalogadas. Estas peças cobrem as áreas de eletrotécnica, instrumentação, aparelhos de áudio, vídeo, rádio e TV. Constituir um recurso educativo, com atividades pedagógicas para o público e envolvendo a comunidade científica é um objetivo crucial da transversalidade buscada. Públicos com características distintas (seniores ou infantis, ligados aos meios académicos ou empresariais de áreas temáticas do museu, afins ou totalmente externos) serão diferentemente “tocados” pelo objeto. Aparelhos científicos, documentos, informação variada deixada pelos utentes da Escola ao longo dos anos, para além de cruciais para a sua memória coletiva, constituem “objetos” com interesse museológico que requerem discursos diferenciados para que a comunicação resulte. Fórmula? Museu como agente provocador que integre todo o tipo de sentimentos pode ser a regra de ouro.

Collections, archives and libraries constitute a heritage that is a relevant part of a country's culture and identity. Interest in existing university heritage is recent but has been growing considerably. The creation of university museological nuclei represents, in addition to the preservation and organization of the existing collection, the possibility of disseminating the history of the school, not only to the university world but also to the community. This third “way”, where museums and related spaces are inserted, should not be understood as an alternative, but as a *bridge*, which will complement the paradigms commonly attributed to a university school. Faraday Museum has more than 800 pieces already identified and catalogued. These pieces cover the areas of electrical engineering, instrumentation, audio, video, radio and TV. To form an educational resource, with pedagogical activities for the public and involving the scientific community is a crucial objective of the transversality sought. Publics with distinct characteristics (senior or children, linked to academic or to business circles of the museum's thematic areas, related or totally external) will be differently “touched” by the object. Scientific devices, documents, and varied information left by the users of the School over the years, in addition to being crucial for the School's collective memory,

are “objects” of museological interest that require differentiated discourses in order for communication to be successful. Formula? Museum as a provocative agent that integrates all kinds of feelings can be the golden rule.

Carlos Alberto Ferreira Fernandes, nascido a 20/05/1953. Tel:+351-933504262, ffernandes@tecnico.Ulisboa.pt, <https://fenix.tecnico.Ulisboa.pt/homepage/isti1873>

Professor Associado com agregação, do DEEC, IST. Membro do Instituto de Telecomunicações (IT). Diretor Executivo do Museu Faraday. Membro dos CC da Área Científica de Eletrónica.

PATRIMÓNIOS E ILUSTRAÇÃO: MODOS E MEIOS DE REGISTO, INTERPRETAÇÃO E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO, NA ULisboa

Carlos Fabião (r), Mariana Diniz (r), Catarina Viegas (r)

(r) UNIARQ – Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa.

A Ilustração é, em Arqueologia, um mecanismo de registo-preservação e produção de prova documental que acompanha a disciplina desde as fases iniciais do seu trajecto.

As materialidades – móveis ou imóveis – do Passado são graficamente documentadas como elemento de prova das afirmações produzidas e o discurso arqueológico é, regra geral, acompanhado por um corpo de ilustrações, mais ou menos extenso, que integra desenhos e fotografias de campo, de estruturas construídas e de artefactos, elementos fundamentais na interpretação dos sítios.

Nas últimas décadas, as políticas de defesa do Património assentes numa *salvaguarda pelo registo* descritivo, mas também, obrigatoriamente, gráfico e fotográfico conferem à Ilustração o papel de replicante do Real, entretanto desaparecido.

A experiência do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa -UNIARQ – na produção e uso, no discurso científico, da Ilustração, os processos envolvidos na passagem da Ilustração analógica à Ilustração digital, os desafios que se colocam ao arquivo e conservação dos materiais produzidos – em papel, a lápis, a tinta da china, em película de acetato, em suporte digital são alguns dos tópicos a abordar nesta comunicação.

MUSEU DA MEMÓRIA DE MEDICINA: A «MEMÓRIA VIVA» ENQUANTO PATRIMÓNIO HISTÓRICO DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Ricardo R. Santos (1), André Silva (1), Maria João Machado (1), Lurdes Barata (1),
Susana Oliveira Henriques (1)

(1) Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.

Museu da Memória de Medicina é um projeto de história oral da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa (FMUL). Alinhado com a missão do Arquivo Histórico e Património Museológico e a estratégia de preservação e divulgação da herança histórica da Real Escola de Cirurgia (1825), tem por objetivo a criação de uma coleção digital da «memória viva» dos professores da FMUL através da realização, gravação e transcrição de *life-review interviews*, bem como a recolha de materiais de contexto (cartas, fotografias, etc.). Enquanto fonte primária, esta coleção será arquivada e disponibilizada a toda a comunidade através de uma *website*, podendo ser consultada e trabalhada sob diversas perspetivas disciplinares e temáticas. Enquanto estratégia de valorização do património histórico da FMUL, permitirá o acesso a uma inegável riqueza dos *curricula vitæ*, entendidos aqui não apenas como documentos que gravam no papel uma sequência de factos e datas, mas uma narrativa capaz de produzir uma compreensão mais profunda do passado. Por fim, este projeto permitirá transmitir às gerações futuras a voz, a «memória viva», não dos figurantes, não dos factos, não das recorrências, mas dos protagonistas, dos acontecimentos, dos detalhes.

Ricardo R. Santos é investigador da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa e colaborador do Arquivo Histórico e Património Museológico da Área de Biblioteca e Informação. Foi investigador nas áreas da História e Filosofia da Ciência e co-curador da exposição «corpoIMAGEM – Representações do Corpo na Arte e na Ciência».

AS COLEÇÕES DA “CIDADE DAS BELAS-ARTES DE LISBOA”

Alice Nogueira Alves (1), Luísa Arruda (1)

(1) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA).

Apesar de relativamente jovem, a Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, está situada num espaço com oito séculos de existência, o convento de São Francisco, por onde passaram muitas instituições e personalidades importantes na vida cultural e artística portuguesa. Devido às suas dimensões, este convento ficou conhecido por “Cidade de São Francisco de Lisboa”, designação que atualmente poderíamos substituir por “Cidade das Belas-Artes de Lisboa”, pela importância simbólica desta escola de artes, que partilha o edifício com o Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, marcando a sua imponente presença na zona do Chiado.

Depois de severamente danificado por várias catástrofes no século XVIII, entre as quais se destaca o Terramoto de 1755, na centúria seguinte o edifício do convento ganhou novas funções. Dividido por várias instituições, que foram ocupando os seus espaços de modo intrincado e sobreposto, por ali passaram a Biblioteca Nacional, a Comissão da Livraria dos Extintos Conventos, a Academia de Belas-Artes, as Escolas de Belas-Artes que antecederam a atual Faculdade e o referido Museu, bem como outros serviços, como o Governo Civil ou a Polícia de Segurança Pública. Esta dinâmica de ocupação de espaços tornou este edifício numa estrutura em constante transformação. Um processo interminável que tem garantido a sua existência e conservação ao longo dos séculos, e assim o continuará a fazer.

Destas ocupações, foram ficando memórias, materializadas em coleções de objetos que também têm a sua própria história, dentro e fora desta instituição. Por essa razão, perceber a história das coleções que Faculdade de Belas-Artes detém atualmente é fundamental para a sua compreensão completa, tendo como resultado uma valorização patrimonial que transcende a sua materialidade ou valor artístico e as eleva a agentes de memória das pessoas que por aqui foram passando. Este fator torna fundamental o estudo das nossas coleções ao longo dos últimos séculos, as que por aqui ficaram e as que foram saindo para integrar os acervos dos mais importantes museus nacionais da cidade de Lisboa, bem como para decorar repartições de serviços públicos diversos, num percurso que ainda se encontra por apurar.

Alice Nogueira Alves. Professora Auxiliar Convidada da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e investigadora integrada do CIEBA. Conservadora restauradora, doutorada em História da Arte, Património e Teoria do Restauro na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 2009, e pós-doutorada em Belas-Artes na Faculdade de Belas-Artes da mesma Universidade, em 2017. E-mail: alicenalves@gmail.com / a.alves@belasartes.Ulissboa.pt

Lúisa d'Orey Capucho Arruda, Artista e Historiadora de arte. Desenho, Teoria e História do Desenho, Azulejaria Portuguesa e Estudos de Género constituem os seus interesses de investigação atuais. Professora Associada com Agregação da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Jubilada em 2019. Investigadora integrada no CIEBA. Sócia correspondente da Academia Nacional de Belas Arte de Lisboa.

DA MEMÓRIA E DO ACERVO MATERIAL DA MAIS ANTIGA INSTITUIÇÃO DE ENSINO DAS CIÊNCIAS VETERINÁRIAS EM PORTUGAL

Graça Alexandre-Pires (1), Elisa Luz (1), Berta São Braz (1), Isabel Neto (1), Luís Madeira de Carvalho (1), Rui Manuel Caldeira (1)

(1) Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Lisboa.

Decorria o ano de 1830 quando o Alvará Régio de 29 de março institucionalizou o ensino das Ciências Veterinárias com a criação de “*huma Escola Veterinaria para nella se conservarem as doutrinas que respeitam a esta nobre arte de que muita utilidade deve resultar ao seu serviço e ao público (...) e convindo igualmente que estes conhecimentos se generalizem para a utilidade pública na conservação de toda a espécie cavalar, vacum e lanígero*”, tendo as suas instalações localizadas nos arrabaldes de Lisboa, no sítio da Luz, paredes meias com o Colégio Militar, sofrendo transferência em 1833 para o edifício do Convento dos Padres Brunos, ao Salitre. Esta Real Escola Veterinária Militar viria a ser incorporada no ano de 1855 no Instituto Agrícola (no lugar da Cruz do Tabuado), onde obtinham formação os então denominados Veterinários-Lavradores, respondendo às ideias de reforma da Escola Militar, que defendiam a Instituição do Ensino Agrário em Portugal. Tais circunstâncias virão a sofrer alteração em 1864, com a organização da Escola Veterinária Militar e do Instituto Agrícola de Lisboa no então Instituto Geral de Agricultura e, em 1910, quando as duas escolas se separam, tendo a Escola Superior de Agronomia sido deslocada para a Tapada da Ajuda a Escola de Medicina Veterinária permanecido na Gomes Freire, a qual, por reconhecimento do nível do ensino, assumiu em 1918 a designação de Escola Superior de Medicina Veterinária, outorgando o grau de Doutor. Em 1930, conjuntamente com outras instituições de Ensino Superior, integra a Universidade Técnica de Lisboa, sendo a sua escola mais antiga. Em 1989 decorrente da aprovação dos Estatutos da tutela, altera a sua denominação para Faculdade de Medicina Veterinária, tutela que vem a modificar-se em 2013 quando, agregando-se a outras 18 unidades orgânicas, vem a constituir a ULisboa. Por esta altura encontrava-se já sediada no Polo Universitário do Alto da Ajuda para onde mudou no ano de 1999.

A revisitação em modo despretensioso de tantos anos de história desta instituição secular e da subjacente atividade formativa, serve no presente documento tão só para a perceção de que esta Instituição foi sujeita nos seus atuais 189 anos de existência a diversas mudanças na sua sede física, e que, por essas circunstâncias, também o seu acervo patrimonial algumas vezes foi mantido no espaço físico onde instituições com atividade formativa distinta se mantiveram, por constituir ele próprio interesse e de carácter transversal na habilitação formativa.

Que as Instituições Universitárias são repositórias de património memorial inigualável é indiscutível, também como se configura evidente que em muitos casos este não se apresenta sob formato acessível ou organizado. Naturalmente que, em múltiplas circunstâncias, exige-se no sentido de ocorrer essa mudança de formato que se institua a educação para a preservação. No caso em apreço, o da nossa Instituição, poder-se-á dizer que não constituiu ausência de

consciência da importância patrimonial e memorial o formato ainda não organizado do acervo disponível, mas sim prementes e sucessivas exigências com reequipamento atualizado de laboratórios, meios de diagnóstico e requisitos inerentes ao Hospital Escolar, estábulos, cavalariças, picadeiro, entre outras. Com o decorrer dos anos parte desse acervo patrimonial tem sido mantido em baús ou depósitos de arquivo, não tendo sido possível, ao longo dos tempos, a utilização de fundos públicos para a criação de um pequeno núcleo museológico, desde há muito sonhado, mas ainda não concretizado. Exemplo maior desse desejo e dessa realidade é a reconstrução da antiga Biblioteca da Gomes Freire, obra amada por tantas gerações de estudantes e professores que aí procuraram ciência num ambiente de grande venustidade e que foi integralmente desmontada e se encontra hoje, armazenada, no depósito do Alto da Ajuda, à espera de fundos (nacionais, internacionais ou de mecenato) para se reerguer neste Polo, como património nacional, por constituir obra de vulto e valor irrepetível. Da sua estrutura construtiva aponta-se uma sala com iluminação natural em forma de abóbada, na sua essência forrada a estantes de biblioteca com portas envidraçadas e de onde sai uma escadaria de aparato constituída por dois lanços consecutivos em L. O piso de chegada da escadaria circunda toda a sala que funciona como vestíbulo da mesma, com um guarda corpos em madeira e as paredes forradas a estantes.

Na Biblioteca atual da Faculdade encontra-se um acervo importante de livros antigos (datando o mais antigo de 1615), periódicos antigos impressos, notícias de jornais, documentos de várias décadas produzidos por Professores da Instituição e insígnias atribuídas a figuras destacadas da mesma. Livros de inventariado e registo de despesa e fotografias diversas que perpetuam no tempo circunstâncias, eventos e protocolos de cooperação, de que são exemplos os primeiros Cursos de Verão em Moçambique que constituíram a seu tempo sementeira para a organização do Ensino Veterinário nesse País.

Remontada no Polo da Ajuda encontra-se uma sala com parte da Farmácia de Oficina existente na Gomes Freire. Aqui, encontramos balanças, seringas de vidro de distintas épocas, recipientes de acondicionamento de formas medicamentosas, exemplos de inovações farmacêuticas tecnológicas à época, entre os quais se contam piluladores e máquinas de fabrico de hóstias amiláceas e ainda moldes para supositórios e óvulos, a par de frascos e potes de porcelana com os produtos e rotulagem original, espelhando decoração variada, e cronologicamente importante do ponto de vista histórico.

Um acervo osteológico relacionado com as espécies de interesse veterinário encontra-se na osteoteca, grande parte ao serviço do ensino, onde esqueletos completos de ruminantes de grande e pequeno porte, porco, cavalo, cão, gato e galinha, contribuem para a perceção tridimensional da organização esquelética que se encontra na base da biomecânica do movimento.

Animais sujeitos a conservação taxidérmica, e uma pulverização de mobiliário e utensílios de época contribuem para este desfile de memórias, entre os quais um busto visível na sala disponibilizada pela Faculdade à Sociedade Portuguesa de Ciências Veterinárias, do fundador, organizador e primeiro Diretor do Hospital Escolar Veterinário, em 1 de outubro de 1859, o Professor José Maria Teixeira.

Deixamos propositadamente para o final a referência da transferência para o Polo da Ajuda,

neste claro ensejo de perpetuação de memória de Escola, (aqui e ali, eventualmente individual, quantos namoros não terão tido o seu início junto desses elementos?) de um busto de bronze de Silvestre Bernardo Lima (Alpiarça/01.04.1824 – 10.09.1893/Lisboa), figura destacada do Ensino das Ciências Veterinárias com especial diferenciação na Zootecnia, assim como uma fonte que se encontra na entrada do edifício onde estão sediados os Órgãos de Gestão e a atual Biblioteca. O símbolo institucional, o Centauro, apresenta-se à entrada do auditório principal ocupando um lugar de destaque tal como ocorrer na Gomes Freire onde encimava a parede de fundo do Salão Nobre. É esta obra em madeira, inspirada em desenho de Ruy T. Guerreiro, Professor da Instituição, e é das obras de nota que quem nos visita encontra como marco histórico, agora neste edifício do Polo Universitário da Ajuda, este mesmo galardoado com a Menção Honrosa do Prémio Valmor e Municipal de Arquitetura, em 1999, respeitante a um projeto da autoria do arquiteto João Lúcio Lopes (n.1954).

Terminamos parafraseando Benedetto Croce nas suas deambulações relativas à memória: “A cultura histórica tem o objetivo de manter viva a consciência que a sociedade humana tem do próprio passado, ou melhor, do seu presente, ou melhor, de si mesma”.

Graça Alexandre-Pires licenciou-se pela Escola Superior de Medicina Veterinária (Universidade Técnica de Lisboa). Doutoramento em Ciências Veterinárias, na especialidade de Morfologia, no ano de 1995, na mesma Instituição, à época já com a atual designação de Faculdade de Medicina Veterinária. Desempenha atualmente as funções de Professora Associada com Agregação no departamento de Morfologia e Função, colaborando com outras instituições da Universidade de Lisboa em Licenciaturas e Mestrados de Pós-graduação cujo curriculum compreende unidades curriculares com conteúdo programático na área da morfologia comparada. Curadoria de exposições na área da anatomia.

Elisa Luz. Mestre Bibliotecária da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Lisboa.

Berta São Braz. Professora do Departamento de Clínica da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Lisboa.

Isabel Neto. Diretora da Biblioteca da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Lisboa.

Luís Madeira de Carvalho. Presidente do Conselho Pedagógico da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Lisboa.

Rui Manuel Caldeira. Presidente da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Lisboa.

AS COLEÇÕES PEDOLÓGICAS DO INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA

Madalena Fonseca (1), Inês Pinto (2), Manuela Abreu (1), Fernando Monteiro (1), Nuno Cortez (1)

(1) Departamento de Recurso Naturais ambiente e Território; Instituto Superior de Agronomia.

(2) Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa.

Até à sua extinção em 2015 o Instituto de Investigação Científica Tropical partilhava com o Instituto Superior de Agronomia (ISA) história e conhecimento respeitante ao estudo dos solos. O ISA possui uma importante coleção de monólitos e amostras de solos, rochas, minerais, lâminas delgadas e equipamento histórico-científico, bem como toda a documentação associada a este espólio, que respeita sobretudo a Portugal, Angola e Moçambique.

Em Angola a amostragem de solos cobriu amplamente o território. Os principais tipos de solos estão caracterizados em termos de taxonomia pedológica, morfologia, propriedades físico-químicas e mineralógicas.

Alguns dos solos amostrados e estudados desde 1946 pela antiga Junta de Investigações do Ultramar foram utilizados na sistematização da Carta de Solos do Mundo (FAO/UNESCO).

Da vasta atividade pedológica resultou a edição de várias publicações de extrema importância, não só para a comunidade académica e científica, mas também para o público em geral.

A inventariação, digitalização, georreferenciação e inserção de parte do espólio em base de dados e SIG foi feita e disponibilizada on-line no Arquivo Científico Tropical (ACTD) entre 2006 e 2015.

Este espólio é relevante para a História do estudo dos solos, a divulgação e o ensino das Ciências do Solo, como alternativa à observação *in loco* de perfis de solo, o ordenamento do território, o estudo da génese e evolução dos solos e o conhecimento geral dos solos e aprofundamento desse conhecimento.

Madalena Fonseca. Geóloga. Investigadora Auxiliar do Departamento de Recursos Naturais Ambiente e Território do Instituto Superior de Agronomia. Membro do Centro de Estudos Florestais. Actividade principal: estudo químico/mineralógico do solo e Docência de unidades curriculares do ISA no domínio da geologia e mineralogia do solo.

COLEÇÃO PALEONTOLÓGICA DE ANDRÉS E A SUA IMPORTÂNCIA NO CONHECIMENTO E DIVULGAÇÃO DE CIÊNCIA

Elisabete Malafaia (1)(2), Pedro Mocho (1)(2), Fernando Escaso (2), Francisco Ortega (2)

(1) Instituto Dom Luiz, Universidade de Lisboa.

(2) Grupo de Biología Evolutiva, UNED.

A coleção paleontológica da jazida de Andrés faz parte dos acervos do Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MUHNAC) e começou a ser constituída em 1988, com a descoberta de um conjunto de fósseis de dinossáurios na região de Pombal. Após várias campanhas de escavação, entre 1989 e 2010, esta coleção alberga centenas de fósseis que representam uma fauna diversa de vertebrados continentais (peixes, esfenodontes, crocodilomorfos, pterossáurios e dinossáurios) do Jurássico Superior. Esta diversidade e abundância de fósseis num mesmo local é uma situação rara no registo português, tornando a jazida uma referência para o estudo destes ecossistemas.

O estudo de parte dos fósseis de Andrés resultou na publicação de dois trabalhos em revistas SCI, várias comunicações em congressos e incorporaram projetos de doutoramento, mestrado e licenciatura. Estes materiais serviram também de base para quatro exposições, que estiveram patentes no MUHNAC e na Casa da Cultura de Santiago de Litém, diversas atividades educativas e de divulgação.

A coleção de Andrés é um exemplo excepcional de uso do Património Paleontológico não só para o conhecimento científico mas também como recurso para promover a cultura e literacia científica.

Elisabete Malafaia. Doutorada em Paleontologia, atualmente bolsreira de Gestão e Tecnologia no Instituto Dom Luiz, trabalhou com as coleções de paleontologia do MUHNAC, em particular na recolha, preparação, conservação, restauro e estudo de restos fósseis de vertebrados Mesozoicos.

O PARQUE BOTÂNICO DA TAPADA DA AJUDA E A DIVULGAÇÃO DO SEU PATRIMÓNIO NATURAL

Pedro Arsénio (1)(2), Maria M. Romeiras (1)(2)(4), Ana Luísa Soares (1)(3), Ana Raquel Cunha (1), Paulo Forte (1), Teresa Vasconcelos (1)

(1) Universidade de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia (ISA).

(2) Centro de Investigação em Agronomia, Alimentos, Ambiente e Paisagem (LEAF). Instituto Superior de Agronomia (ISA).

(3) Centro de Ecologia Aplicada “Prof. Baeta Neves” (CEABN / InBIO). Instituto Superior de Agronomia (ISA).

(4) Centre for Ecology, Evolution and Environmental Changes (CE3c), Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa.

O Instituto Superior de Agronomia é uma instituição de ensino superior que integra a Universidade de Lisboa e que funciona, desde a data da sua criação em 1910, na Tapada da Ajuda. Em 1956 foi nela instituído o «Parque Botânico da Tapada da Ajuda» (PBTA). A unidade do espaço tem sido mantida pela existência do muro que o delimita, apresentando na sua configuração actual uma área total de cerca de 100 hectares, nos quais se inclui também a «Reserva Botânica Prof. António Xavier Pereira Coutinho», com cerca de 4,5 hectares de área. A grande diversidade deste parque só é possível graças à sua dimensão e à diversidade de condições edafo-climáticas, permitindo a aclimação de taxa de praticamente todas as proveniências biogeográficas, dos quais cerca de 550 são de porte arbóreo e 2500 são arbustos ou herbáceas perenes e vivazes, algumas com grande interesse na perspetiva de conservação.

Na presente comunicação pretende-se descrever o modo como se processa a divulgação da diversidade vegetal presente no Parque Botânico, assentando este na interligação de três produtos distintos: a) Base de dados geográfica das espécies vegetais do PBTA; b) Fichas de caracterização das espécies botânicas do PBTA (disponíveis em <http://www.isa.Ulisboa.pt/pbta/colecao-botanica>); c) Placas identificativas das espécies do PBTA.

No futuro planeia-se também a preparação de um mapa interactivo que permita a consulta *online* das espécies do parque e o acesso às respectivas fichas de caracterização.

Pedro Arsénio. Arquitecto Paisagista (PhD) pelo Instituto Superior de Agronomia, é professor auxiliar na mesma instituição, leccionando disciplinas de Ordenamento do Território e de SIG. Investigador no Centro de Investigação em Agronomia, Alimentos, Ambiente e Paisagem (LEAF) e coordenador do Herbário João de Carvalho e Vasconcellos.

A INCORPORAÇÃO DO LEGADO DO MESTRE LAGOA HENRIQUES NA FACULDADE DE BELAS-ARTES: MEMÓRIA DE UM PROCESSO

Luís Jorge Gonçalves (1)

(1) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA).

Em 2009, com a morte do Mestre Lagoa Henriques, tornou-se público o seu testamento. Neste documento o Mestre Lagoa Henriques fazia da Faculdade de Belas-Artes herdeira do seu espólio, reunido ao longo de uma vida, de professor, artista e agente cívico da cultura portuguesa.

Trata-se de um espólio que enriqueceu a Universidade de Lisboa, no seu conjunto, porque este acervo envolve as produções artísticas do Mestre Lagoa Henriques, coleções de arte sacra, de arte popular, obras doadas por artistas do seu convívio, além de um vasto espólio bibliográfico e documental. Foi um processo complexo, que decorreu entre 2009 e 2014. Ao longo desta comunicação vão ser descritos os procedimentos legais e logísticos envolvidos, para que fique uma memória futura.

Luís Jorge Gonçalves, professor auxiliar, com agregação, da Faculdade de Belas-Artes, da área de Ciências da Arte e do Património.

A IDENTIFICAÇÃO DE MATERIAIS ORGÂNICOS EM OBRAS PERTENCENTES AO PATRIMÓNIO CULTURAL: UM EXEMPLO DE COOPERAÇÃO ENTRE DUAS ESCOLAS DA ULisboa, FCUL E FBAUL

Maria Eduarda M. Araújo (1)

(1) Departamento de Química e Bioquímica, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Os materiais orgânicos encontram-se na constituição de muitas obras de arte e também em objectos de valor etnográfico pertencentes a várias colecções. Dois dos exemplos mais comuns são o óleo usado como dispersante de pigmentos na pintura a óleo e os corantes têxteis ainda presentes em tapeçarias e têxteis antigos. Estes materiais, pela sua fragilidade e fácil degradação, não têm tido a atenção de outros materiais mais duradouros. No início do século XX, o aparecimento de materiais sintéticos novos desafiou o espírito criativo de muitos artistas plásticos que os incluíram nas suas criações. Este processo mantém-se até à actualidade. Estes materiais novos, orgânicos, revelaram-se com o tempo um desafio para curadores de museus e conservadores/restauradores pois são materiais muito complexos, difíceis de identificar e com problemas de estabilidade após um curto tempo de vida.

A autora desta comunicação, química orgânica de formação, despertou para esta problemática quando começou a leccionar a componente de Química do curso de Mestrado em Ciências da Conservação, Restauro e Produção de Arte Contemporânea da FBAUL. Nesta comunicação apresentam-se alguns dos trabalhos resultantes de desafios lançados por colegas da FBAUL, Alice Alves e Ana Bailão, para a identificação de materiais presentes em duas obras, do acervo da FBAUL no primeiro caso, e na obra de um artista contemporâneo no segundo caso, os resultados obtidos e as estratégias desenvolvidas para os resolver.

Maria Eduarda M. Araújo. ORCID 0000-0002-9876-9015. Doutoramento em Química, ramo de Química Orgânica, Universidade de Lisboa. Professora Auxiliar do DQB, Faculdade de Ciências da ULisboa. Tem estado activamente envolvida na formação em Química dos alunos de Licenciatura e Mestrado da FBAUL. Autora de várias comunicações e artigos científicos. E-mail: mearaujo@fc.ul.pt

A SALA DO VEADO – UM PROJECTO EXPERIMENTAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA NO MUSEU NACIONAL DE HISTÓRIA NATURAL E DA CIÊNCIA

Sofia Marçal (1)

(1) Museu Nacional de História Natural e da Ciência.

A Sala do Veado enquanto espaço experimental de arte contemporânea inserido no Museu Nacional de História Natural e da Ciência. Nesta sala reuniram-se tendências artísticas abrangentes e não limitativas, cruzando-se artistas e públicos distintos durante vinte e cinco anos. De 1990 a 2015 foram apresentadas contínua e ininterruptamente na Sala do Veado cerca de 240 exposições de arte contemporânea realizadas por 300 artistas. O fim da Sala do Veado não significa o acabar com a arte contemporânea no museu. Foi idealizado um projecto-piloto a nível internacional que teve a valência de se propagar a todo o museu e que passa agora para uma nova fase interventiva relacionando a arte com a ciência.

A palavra de ordem é contaminação, em particular, a contaminação que deu origem a um projecto que transcende fronteiras conceptuais, físicas e espaciais: o projecto Sala do Veado fora da Sala do Veado.

Sofia Marçal. Museóloga e curadora do Museu Nacional de História Natural e da Ciência, onde vem a desenvolver um trabalho de intersecção entre arte e ciência, através de inúmeras exposições, catálogos e conferências. Mestrado em Museologia pela Universidade de Évora em 2004. Doutorada em Curadoria pela FBAUL em 2019. Membro colaborador do CIEBA (Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes).

Técnica superior da Missão de Macau, trabalhando no Departamento de Acção Cultural de Março de 1992 a Dezembro de 1999. Tem uma Menção honrosa do melhor catálogo do ano de 2011 – Sala do Veado Vinte Anos –, prémio atribuído pela APOM.

A MUSEALIZAÇÃO DA COLEÇÃO DE PELE HUMANA TATUADA DA FMUL NA CONSOLIDAÇÃO DA IMPORTÂNCIA MUSEOLÓGICA DA COLEÇÃO PORTUGUESA HOMÓLOGA

Carlos Galhardo Branco (1)

(1) Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.

A musealização, em 2016, da coleção de pele humana tatuada (preservada em formaldeído), pertencente ao Instituto de Medicina Legal e Ciências Forenses (INMLCF) corroborou a sua relevância patrimonial. Desde logo o profusamente raro e diversificado suporte documental (de originais nunca analisados) sustentou um conhecimento esmiuçado sobre cada uma das peças *per se* e da coleção no seu cômputo; a própria exemplaridade de uma coleção quantitativamente tão substancial e secular a qual, após o restauro, ficou em excelente estado de conservação; a originalidade e abundância do aporte de informação etnográfica e social que tal análise acrescentou ao conhecimento sobre o *modus vivendi* nos bairros típicos da cidade de Lisboa na época; a singularidade médico-legal, decorrente da compreensão da relação causal entre predisposição inata para a criminalidade e a prática da tatuagem numa amostra muito significativa da população portuguesa do limiar do séc. XX (consubstanciada pelos estudos de Rodolfo Xavier da Silva e outros); por fim a profícua quantidade de diferentes tipos de tatuagens em pele, avultada pelos desenhos de tatuagens, permitiu definir um estilo artístico português, com características bem identificadas, comparativamente com o prevalente noutros países.

Atendendo à relação orgânica desta instituição com a Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa (FMUL) – formalizada oficialmente pela reforma universitária conducente à constituição da Universidade homónima – a coleção de tatuagens da FMUL confunde-se com a coleção aludida. A este facto acresce o de haver peças colhidas do mesmo indivíduo que estão dispersas por ambas as coleções. Tal como a riqueza patrimonial da coleção do INMLCF foi adensada com os dados fornecidos pela coleção documental da Biblioteca Histórica da Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais e pelos factos apontados; também a musealização da coleção de pele humana tatuada da FMUL, com todas as peças e documentos que comporta, contribuirá para consolidar a importância museológica de uma coleção que poderemos denominar coleção portuguesa de pele humana tatuada.

Carlos G Branco. Médico no Hospital Universitário de Santa Maria. Doutorando e investigador Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa. Investigador Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses. Pós-graduado em Museologia Faculdade Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Curador de exposições.

DA CRENÇA AO CONHECIMENTO. ÁGUAS MINERAIS E TERMAIS PORTUGUESAS À LUZ DOS ESPÓLIOS DO INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO

Manuel F. C. Pereira (1), Carla Rocha (1), A. Maurício (1), Cândida Vaz (2), Catarina Abranches (3), Isabel V. Marcos (4)

(1) CERENA – Centro de Estudos em Recursos Naturais e Ambiente, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa.

(2) LAIST – Laboratório de Análises do Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa.

(3) NARQ – Núcleo de Arquivo do Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa.

(4) Área de Bibliotecas, Arquivo e Centro de Congressos, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa.

A gestão dos recursos de águas potáveis ou com propriedades terapêuticas (águas minerais e termais) é e sempre foi um dos maiores desafios da humanidade. Embora as águas minerais pertençam ao grupo dos recursos minerais considerados renováveis no decorrer da vida humana, não se pode esquecer que uma nascente de água mineral é o produto da circulação subterrânea de água em condições particulares. São estas condições particulares que definem a sua composição química típica, temperatura e caudal.

As águas minerais portuguesas são inúmeras e com propriedades físico-químico-terapêuticas muito variadas que, apesar das modernas tecnologias e desenvolvimentos, ainda não têm um conhecimento completo e aceitável para a comunidade científica. Por outro lado, a percepção pública dos recursos hídricos e das propriedades das águas é muito limitada.

Neste trabalho analisam-se os progressos científicos e tecnológicos relativos ao estudo e captação das águas minerais entre o século 19 e a atualidade, tendo como base algumas instituições e especialistas de referência, com ligações ao IST (Instituto Industrial e Comercial de Lisboa, LAMPIS/CEPGIST, LAIST e o Instituto de Hidrologia e Climatologia de Lisboa). O acervo é muito diversificado e inclui as coleções das bibliotecas, instrumentos e equipamentos, e documentos e arquivos pessoais, sendo de destacar os de Charles Lepierre, Herculano de Carvalho, Armando Narciso, Amaro de Almeida, Paul Choffat, Ernest Fleury, Décio Thadeu e Aires-Barros.

Manuel Francisco Costa Pereira. Mestre em Geoquímica e Doutor em Engenharia de Minas no IST. Experiência em diversos domínios de investigação, sobretudo, na caracterização físico-química de materiais naturais. Professor Auxiliar no IST. Membro do CERENA-IST e responsável pelos Museus de Geociências do IST. Experiência em divulgação científica.

A PINTURA *AU SOIR* DE ARTUR ALVES CARDOSO: DO FINANCIAMENTO À INTERVENÇÃO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO

Ana Bailão (1)(2), Líliliana Cardeira (1), Ana Guerin (1), Frederico Henriques (1)(2)(4)

(1) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA).

(2) Universidade Católica Portuguesa, CITAR.

(3) Atelier Samthiago, Conservação e Restauro.

(4) Universidade de Évora, Laboratório HERCULES.

Por ocasião da 1.ª edição do projeto *Crowdfunding* “Apoie o restauro”, realizado entre 25 de outubro e 31 de dezembro de 2016, no âmbito das comemorações dos 180 anos da Faculdade de Belas-Artes (FBA) da Universidade de Lisboa (ULisboa), foi intervencionada a obra *Au Soir*, de 1903, da autoria de Artur Alves Cardoso, com o apoio da Fundação Millenium BCP. É uma pintura da Reserva de Pintura Antiga da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL).

Artur Alves Cardoso foi discípulo dos pintores Carlos Reis, em Lisboa, e de Fernand Cormon e Jean-Paul Laurens, em Paris. Foi condecorado com a medalha de honra, em Pintura, na Sociedade Nacional de Belas-Artes e com a medalha de ouro na Exposição Internacional Panamá-Pacífico. Tem fortes influências do Naturalismo ar-livrista e de género, integrando-se no Grupo Silva Porto. Como pensionista do Estado, envia como trabalho final a pintura *Au Soir*, que retrata dois camponeses no lavor campestre.

Esta pintura na década de 70 do século XX terá sido vandalizada, tendo sido escrito sobre a camada pictórica a frase “Viva a Aliança, Operário Camponesa” com a representação da sigla MRPP – Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado. O MRPP foi um partido muito ativo antes do 25 de Abril de 1974, especialmente entre estudantes e jovens operários de Lisboa.

Com o financiamento da Fundação Millenium BCP foi possível avançar para a intervenção. Questões sobre a remoção e não remoção da inscrição foram colocadas. O objetivo deste trabalho é dar a conhecer todo o processo de intervenção realizado, desde a documentação, o estudo técnico, até à conclusão dos trabalhos de conservação e restauro.

Ana Bailão é doutorada em Conservação de Bens Culturais pela Universidade Católica Portuguesa (UCP), em colaboração com o *Instituto del Patrimonio Cultural de España* (IPCE) e com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). É prof. Auxiliar Convidada da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, coordenadora executiva das Reservas de Pintura da mesma instituição. Tem exercido docência em diversos cursos de conservação e restauro: Instituto Politécnico de Tomar (IPT), Escola Artística e Profissional Árvore, Universidade Católica Portuguesa (UCP), Instituto de Artes e Ofícios (IAO) da Fundação Ricardo Espírito Santo e Silva (FRESS). Desde 2005 exerce a profissão de Conservadora-restauradora para entidades públicas e privadas.

REVISTA TÉCNICA E A FOTOGRAFIA DE CAPA COMO “TESTEMUNHO DO ESMERO HAVIDO EM PREPARAR OS ESTUDANTES PARA O SEU MESTER” ^[1]

Isabel Marques Vaz Marcos (1)

(1) Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa.

A Revista Técnica editada desde 1925 pela Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico, manteve uma periodicidade constante até 1998, com 408 números publicados. Em 2013 e 2014 houve uma tentativa de relançamento da publicação em formato digital, mas sem continuidade. Concebida e desenvolvida pelos estudantes para a comunidade do Instituto Superior Técnico (IST) e sociedade em geral, foi sendo alicerçada por artigos escritos por alunos, professores e *alumni*, engenheiros, que em contexto laboral, foram enriquecendo a publicação com artigos científicos e técnicos. Viveu as vicissitudes do seu tempo, os acontecimentos, as ideologias, a evolução científico-tecnológica da sociedade e disso os seus artigos são o reflexo. Sendo uma revista editada por uma Associação de Estudantes, muitos dos seus diretores foram jovens estudantes que após completarem o seu ciclo de estudos ingressaram no mercado de trabalho, deixando a direção da revista. Não obstante esta fragilidade, a revista conseguiu manter uma coerência gráfica que a acompanhou no seu percurso editorial.

Esta comunicação apresenta uma análise genérica do comportamento gráfico da publicação nos seus 73 anos de existência, com especial destaque para o design gráfico da capa e sua metamorfose ao longo dos anos e o papel da fotografia de capa como reflexo da formação académica e profissional dos Engenheiros do IST.

^[1] *Revista Técnica*. Ano 1, n.º 1 (dez. 1925), p. 1

Isabel Marcos é doutorada em Documentación pela Universidade de Alcalá de Henares-Madrid. É mestre pela mesma Universidade e tem a Pós-Graduação em Ciências Documentais pela Universidade Autónoma de Lisboa. É licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Atualmente é coordenadora da Área das Bibliotecas, Arquivo e Centro de Congressos do Instituto Superior Técnico.

O PROCESSO CRIATIVO DA PINTURA DE MODELO NU NA TRANSIÇÃO DO SÉCULO XIX PARA O XX NA FBAUL: CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA 'ABSORÇÃO CONTROLADA' DAS NOVAS VANGUARDAS

Ana Mafalda Cardeira (1)(2)

(1) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA).

(2) Laboratório HERCULES, Universidade de Évora.

A presente comunicação baseia-se no estudo da pintura académica de nu, datada entre 1883 e 1934, pertencentes à coleção de pintura da FBAUL. O estudo tem como objetivo conhecer o universo pictórico de 84 pinturas de modelo nu e ao nível da caracterização material é dado um contributo no estudo de caso de vinte pinturas da totalidade do conjunto. Este conjunto das pinturas é constituído por modelos femininos e masculinos. Da coleção da pintura de modelo nu da FBAUL, destacam-se obras de Abel Manta (1888-1982), Adolpho de Sousa Rodrigues (1867-1908), Adriano de Sousa Lopes (1879-1944), Constantino Fernandes (1878-1920), Dórdio Gomes (1890-1976), Henrique Franco (1883-1961) e Ricardo Ruivo Júnior (1878-1910). Através dos métodos de exame e análise determinou-se a existência de pinturas subjacentes e caracterizou-se a paleta de cores utilizadas por estes jovens pintores, discípulos destes dois mestres. O processo de “absorção controlada” é um conceito novo que se pretende introduzir na história do ensino da pintura académica de Lisboa. O presente estudo tem como principal objetivo determinar como se deu esta absorção e, cronologicamente, compreender como influenciou a entrada da modernidade na FBAUL. Do estudo deste processo, determinou-se que as influências advêm de quatro fatores distintos: o concurso para Professor de Pintura de 1934, a questão dos pensionistas do Estado que regressam e alguns lecionam, a literatura internacional e as exposições nacionais. Desta forma, podemos determinar que o principal fator é o ano de 1934 que se constitui como uma charneira ao nível da produção pictórica, refletindo a introdução da modernidade no ensino da pintura nas Belas Artes de Lisboa com a entrada de Henrique Franco como Professor de Pintura. Concluiu-se que de facto a modernidade entrou nas Belas Artes de Lisboa, principalmente com a figura de Henrique Franco, influenciando a produção posterior e diferenciando-se da produção anterior a 1934.

Ana Mafalda Cardeira (Lisboa, 1990) é Doutorada em Belas Artes, especialidade de Ciências da Arte, na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL), com o projeto de tese focado na investigação das influências da modernidade na produção de pintura académica de modelo nu da coleção da FBAUL. Mestre em Ciências da Conservação, Restauro e Produção de Arte Contemporânea na mesma instituição, com a tese intitulada de ‘Caracterização material e técnica das “Académias de Nu” de José Veloso Salgado, pertencentes à coleção da FBAUL’. Foi bolsreira do Programa Doutoral HERITAS, colaboradora de Centro de Investigação e Estudos em Belas Artes da FBAUL e do Laboratório HERCULES da Universidade de Évora, e é Professora de

Métodos de Exame e Análise Laboratorial na Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra. Tem desenvolvido investigação e publicado ao nível internacional na área dos métodos de exame e análise a obras de arte moderna e contemporânea, e também foi Gestora de Projeto da equipa interdisciplinar responsável pelo desenvolvimento do novo Museu Virtual FBAUL.

O REVESTIMENTO A PAINÉIS DE AZULEJOS PADRONIZADOS DO EDIFÍCIO DA REITORIA POR FRED KRADOLFER EM CONTRAPONTO COM O PROJECTO DE DESIGN GRÁFICO PARA OS ENCONTROS DO PATRIMÓNIO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Jorge dos Reis (1)

(1) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA).

O designer gráfico suíço Fred Kradolfer instalou-se em Portugal em 1924, tendo desenvolvido um trabalho extenso no campo das artes gráficas e da publicidade, com um pendor modernista e um sensível sentido tipográfico. O contributo de Kradolfer no que ao património da Universidade de Lisboa diz respeito pode ser observado no revestimento com azulejos de uma parte significativa da fachada exterior da reitoria, na Cidade Universitária. Tendo sido produzidos em 1961, na fábrica Viúva Lamego, os azulejos geométricos onde podemos verificar a predominância da cor azul em contraponto com o branco, evidenciam uma grande simplicidade formal, aludindo à azulejaria tradicional portuguesa, na sua estrutura em padrão cromático. Neste projecto uma linha oblíqua a quarenta e cinco graus divide o azulejo ao meio, aí se distribuindo e separando as duas cores, registando-se um subtil contraste entre as duas tonalidades, as quais variam cromaticamente ao longo da fachada. Partindo da pureza formal deste módulo, Kradolfer produz um cuidadoso e meticuloso plano de articulação com os elementos do volume edificado, criando linhas de circulação que emolduram as janelas e confirmam o carácter ortogonal da peça arquitectónica. Influenciado pela intervenção de Kradolfer realizou-se o cartaz e identidade visual dos encontros do Património da ULisboa, aqui fazendo alusão à memória descritiva e justificativa do projecto de design gráfico.

Jorge dos Reis. Master of Arts pelo Royal College of Art, Mestre em Sociologia da Comunicação pelo ISCTE e Doutorado pela Universidade de Lisboa. Actualmente é Professor Auxiliar na Faculdade de Belas-Artes UL onde fundou e dirige o Mestrado em Práticas Tipográficas e Editoriais Contemporâneas. Membro avaliador na A3ES e na DGArtes.

GESTÃO DO ARQUIVO NA UNIVERSIDADE DE LISBOA – O PROJETO EM CURSO

Ana Silva Rigueiro (1)

(1) Universidade de Lisboa / Serviços Centrais / Departamento de Arquivo, Documentação e Publicações.

O património arquivístico da ULisboa contém um número indeterminado de documentos, física e geograficamente dispersos pelos Serviços Centrais, Escolas, unidades de investigação e outras unidades, estruturas e serviços. O diagnóstico realizado pós-fusão (2014) permite afirmar a existência de um total de ca. 20.000 m.l. de documentação histórica, não sendo possível determinar o volume total de documentação administrativa e da relacionada com o ensino e a investigação. Perante a ausência de normas regulamentares e de sistemas de gestão é, no contexto dos estatutos e do plano de ação do Reitor, que se compreende o desenvolvimento de um projeto para apoiar a gestão, proteção, e divulgação do património arquivístico da Universidade de Lisboa, destinado aos Serviços Centrais, Serviços de Ação Social e suas Escolas.

Neste âmbito, a produção do primeiro relatório de avaliação de documentação acumulada para a Universidade de Lisboa, em fase piloto na Reitoria (2016-2019) para os ca. 20.000 m.l. de documentos herdados, apresenta-se como a norma regulamentar para a avaliação de documentação com o duplo propósito de apoiar a gestão e a proteção do património arquivístico, através da eliminação ou da conservação da documentação acumulada nos últimos 100 anos. Complementarmente, o desenvolvimento de um sistema único de gestão de Arquivo (2019-2021) tem por objetivo apoiar o registo, gestão, controlo, divulgação e a preservação da documentação intermédia e histórica da ULisboa.

Ana Silva Rigueiro foi coordenadora fundadora do Núcleo de Arquivo do Instituto Superior Técnico (2006-2013). Exerceu funções de docente convidada no Instituto Superior de Línguas e Administração/Universidade Europeia (2010-2014), no domínio dos Arquivos. Atualmente exerce funções de coordenação da Área de Arquivo, Documentação e Publicações dos Serviços Centrais da ULisboa (2013-). E-mail: ana.rigueiro@reitoria.Ulisboa.pt

10 ANOS A CONSERVAR E RESTAURAR OBRAS DO ACERVO ESCULTÓRICO DA FACULDADE DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Marta Frade (1)

(1) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA).

Desde 2009, no âmbito de três protocolos com o Instituto de Artes e Ofícios e a Escola Superior de Artes Decorativas da Fundação Ricardo Espírito Santo, a Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra da Câmara Municipal de Sintra e a Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, alunos do secundário à licenciatura têm vindo a intervir em obras em gesso da Reserva de Escultura.

As intervenções têm sido dentro do plano curricular de cada instituição de ensino onde os alunos são inseridos numa formação em contexto de trabalho.

Em 2009, alunos do Curso de Especialização Tecnológica de Conservação e restauro de Estuques decorativos participaram na intervenção a cinco obras, em 2012 alunos da Licenciatura de Conservação e Restauro intervieram numa área da faculdade, no piso 0, referente à área de escultura, restaurando cinco esculturas e reabilitando o espaço envolvente. No presente ano, alunos do curso Assistente de conservação e restauro, do ensino profissional, participam na intervenção de conservação e restauro da réplica em gesso do Púlpito atribuído a Nicolau de Chanterene, da Igreja de Santa Cruz de Coimbra.

Com este artigo pretende-se dar a conhecer 10 anos de intervenções de conservação e restauro com os alunos do secundário (nível 4), passando pelo ensino pós-secundário não superior (nível 5) ao superior, no Património da Universidade de Lisboa, desenvolvido em paralelo às intervenções realizadas com os alunos da Faculdade de Belas-Artes.

Marta Frade iniciou a sua formação na Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra (EPRPS) em 1997. Em 2005 concluiu a licenciatura bi-etápica em Conservação e Restauro no Instituto Politécnico de Tomar. Desde 2018 é doutorada com a tese Conservação e Restauro de Escultura em gesso – Valorização, Metodologia e Ensino. E-mail: martacostafrede@gmail.com

SUPERFÍCIES REGRADAS DE THÉODORE OLIVIER NO MUHNAC

Odete Palaré (1)

(1) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA).

Através da necessidade de procurar respostas para a origem das disciplinas de Geometria da atual Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e de estudar a eficácia dos recursos didáticos no processo de ensino-aprendizagem foi encontrado um documento que assumiu um papel central nesta investigação – um “relatório” referente ao ano letivo 1862-63 – que apresenta uma análise qualitativa relativa à utilização de uma coleção de modelos tridimensionais em sala de aula pelo Lente da Cadeira, Luís Porfírio da Mota Pegado, que argumenta a favor da utilidade desta coleção para o ensino e a aprendizagem da disciplina de Geometria Descritiva na antiga Escola Politécnica.

Estes modelos foram analisados em diferentes perspetivas, assumindo inicialmente o valor que tiveram como recursos didáticos em determinado momento da história do ensino da disciplina de Geometria Descritiva em Portugal, mas também como peças museológicas do atual Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa. Também representam uma forte ligação com o ensino da Geometria em França, pois trata-se de um conjunto de réplicas dos modelos tridimensionais originais de Théodore Olivier, que na sua génese formativa teve influência de Gaspard Monge.

Ao averiguarmos mais sobre esta disciplina na Escola Politécnica, foi possível encontrar documentação que confirma a colaboração com os cursos de Arquitetura, para o ano letivo 1968/69, além de registos de matrícula de alunos da Escola Superior de Belas Artes que frequentaram a disciplina de Geometria Descritiva na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Odete Palaré. Doutoramento em Belas-Artes (especialidade de Geometria) (FBAUL, 2013). Mestrado em Comunicação Educacional e Multimédia (UA, 2005). Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica (FBAUL, 2002). Licenciatura em Design de Comunicação (FBAUL, 1995). Docente do Grupo de Desenho da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. E-mail: o.palare@belasartes.Ulisboa.pt

A COLEÇÃO DE AZULEJARIA ANTIGA DA FACULDADE DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Anabela Carneira Arranja (1)(2), Alice Nogueira Alves (1)

(1) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA).

(2) Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA).

A presente comunicação tem como objetivo apresentar a coleção de azulejaria antiga da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL) que foi estudada e inventariada no âmbito de uma dissertação de mestrado em museologia, intitulada: *A coleção de azulejaria antiga da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa – Processo de Inventário*.

Nessa ocasião, este conjunto azulejar com diversas proveniências foi dividido em dois grandes grupos: o primeiro encontra-se integrado nas paredes do edifício, o segundo é constituído por um conjunto de dois milhares de azulejos soltos de diferentes séculos (XVII e XVIII) e tipologias (padrão, figurativo e ornamental).

Este projeto foi desenvolvido para se poder garantir a salvaguarda e a preservação desta coleção. A metodologia de inventário foi iniciada com o levantamento fotográfico e a identificação dos azulejos individualmente. No caso dos azulejos figurativos e ornamentais soltos, foi fundamental proceder-se a uma limpeza prévia das argamassas que impediam a leitura das marcas existentes no tardo.

Após a conclusão do processo acima referido, deu-se início à montagem dos painéis, na sua maioria bastante fragmentados, para se obterem algumas referências iconográficas. Neste contexto, identificaram-se 22 tipos de azulejos de padrão pertencentes aos séculos XVII e XVIII e 30 painéis figurativos e ornamentais.

Com o estudo desta coleção descobriram-se interligações entre os azulejos soltos e os conjuntos colocados *in situ*, dispersos pelo edifício, e contribuiu-se para um maior conhecimento do património azulejar da instituição, permitindo o aprofundamento posterior de algumas questões, bem como a sua divulgação a um público mais alargado.

Anabela Carneira Arranja. Doutoranda na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL), pelo programa Doutoral, HERITAS. Licenciada em Ciências da Artes e do Património pela FBAUL (2010-2013). Mestre em Museologia e Museografia, com a dissertação intitulada “A coleção de azulejos antigos na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa – Processo de Inventário”, concluída em 2015. O projeto de doutoramento tem como título “A migração de painéis azulejares durante os séculos XIX – XX – Mosteiro de Odivelas” e visa estudar as migrações ocorridas nos séculos XIX e XX usando como exemplo os azulejos existentes no Mosteiro de S. Dinis, em Odivelas. E-mail: aqc_238@hotmail.com

Alice Nogueira Alves. Professora Auxiliar Convidada da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e investigadora integrada do CIEBA. Conservadora restauradora, doutorada em História da Arte, Património e Teoria do Restauro na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 2009, e pós-doutorada em Belas-Artes na Faculdade de Belas-Artes da mesma Universidade, em 2017. E-mail: alicenalves@gmail.com / a.alves@belasartes.Ulisboa.pt

CONTRIBUTOS PARA A SALVAGUARDA DA COLEÇÃO DE PINTURA DA FACULDADE DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Liliana Cardeira (1), Ana Bailão (1)(2), João Pais (1)

(1) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA).

(2) Universidade Católica Portuguesa, CITAR.

O estudo que se apresenta consiste em divulgar as atividades desenvolvidas para a preservação e conservação e restauro das obras da Reserva de Pintura Antiga da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL).

A criação da Reserva de Pintura, em 2007, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian veio a revelar-se num grande contributo para a preservação de 400 pinturas. As constantes campanhas de intervenção realizadas pelos diversos alunos dos diferentes ciclos de ensino comprovam o empenho da FBAUL em restabelecer esta coleção votada outrora ao esquecimento.

Desde da constituição da Reserva, a coleção já integrou 8 exposições, 7 delas realizadas nos espaços da Faculdade. Das exposições realizadas sobre o acervo de pintura, foram publicados 2 catálogos e 1 publicação. Relativamente às intervenções de conservação e restauro realizadas, verifica-se que de 2010 a 2019 foram intervencionadas 34 pinturas. Em 2018-2019, foi implementado um sistema de monitorização para controlo de humidade relativa, temperatura e pragas.

O próximo passo será inventariar a coleção, aplicar sistemas de filtragem de ar contra poluentes, engradar as pinturas que se encontram fora dos armários, empreender um plano de ação curativa nas obras com maior risco de degradação, conservar e restaurar pinturas e, por fim, divulgá-las através de exposições e catálogos.

Liliana Cardeira é aluna de Doutoramento da FBAUL, bolseira do programa de doutoral HERITAS. Investigadora do CIEBA. Licenciada em Ciências da Arte e do Património na FBAUL (2008-2011), e Pós-graduada em Museologia e Museografia (2011-2012) no mesmo estabelecimento de ensino. Mestre em Ciências da Conservação, Restauro e Produção de Arte Contemporânea.

PATRIMÓNIO DE ENSINO ARTÍSTICO DA FBAUL: COLEÇÕES DE DESENHO ANTIGO E LITOGRAFIA (1830-1935)

Alberto Faria (1)

(1) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA).

As coleções de desenho antigo e litografia são parte do vasto património de ensino artístico da FBAUL. A presente comunicação divide-se em duas partes, tem como objetivo dar a conhecer duas coleções que encerram a memória do ensino do desenho na antiga Academia/Escola de Belas-Artes de Lisboa. Na primeira parte apresenta-se a Coleção de desenho antigo, formada por mais de mil desenhos, datados entre 1830 e 1935, que reflete essencialmente o que os nossos aprendiam em desenho na Academia e nos *ateliers* de Paris e Roma enquanto pensionários e bolseiros. Destacam-se obras de artistas consagrados da arte portuguesa da segunda metade de Oitocentos e inícios do século XX – José Luís Monteiro (1848-1942), Adriano de Sousa Lopes (1879-1944), Leopoldo de Almeida (1898-1975), entre outros. A segunda parte ocupa-se da Coleção de litografia, datada entre 1836 e 1911, que compreende mais de cinco mil exemplares. Inclui obras que reproduzem pormenores de obras de Grandes Mestres como Rafael Sanzio (1483-1520) litografadas a partir de desenhos do pintor neoclássico Vincenzo Camuccini (1771-1844); Lições desenhadas por professores da antiga Academia, como Joaquim Rafael (1783-1864) e Cursos de Desenho franceses da segunda metade do século XIX de Joséphine Ducollet (act. 1846-1876) e Auguste Allongé (1833-1898). Este Património é uma fonte para o conhecimento dos temas, modelos e métodos adotados no ensino do desenho na Academia/Escola de Belas-Artes de Lisboa, de que a FBAUL é herdeira.

Alberto Faria. Doutorando em Ciências da Arte, Mestre em Museologia e licenciado em Pintura pela FBAUL. Entre 2002 e 2011 colaborou na criação da Reserva de Desenho; inventariou e estudou a Coleção de desenho antigo e projetou o primeiro Museu Virtual da FBAUL. Atualmente investiga a Coleção de Litografia da FBAUL como tema de Doutoramento.

UMA DOAÇÃO EXEMPLAR. O SOUTH KENSINGTON MUSEUM E A DOAÇÃO DE 1866 À ACADEMIA REAL DE BELAS-ARTES DE LISBOA

André das Neves Afonso (1)(2)

(1) Museu Nacional de Arte Antiga.

(2) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA).

O Museu Nacional de Arte Antiga, a Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e a Academia Nacional de Belas-Artes partilham diversos elementos que dizem respeito a uma história que lhes é comum. Parte significativa do património e das coleções destas instituições partilham, também, relações genealógicas de proximidade derivadas da sua umbilical ligação à Academia Real de Belas-Artes de Lisboa e, por vezes, à circulação e transferência de bens culturais desenvolvidas entre algumas destas entidades.

Considerando o contexto acima exposto, propomo-nos analisar, ao longo da presente comunicação, uma doação de reproduções artísticas e publicações efetuada pelo South Kensington Museum de Londres (atual Victoria and Albert Museum) à Academia Real de Belas-Artes de Lisboa, em 1866, que tem a particularidade de ter integrado espécimes que, hoje em dia, se encontram dispersos pelas coleções das três instituições nacionais referidas e que, na sua essência, se configurou como uma doação verdadeiramente *exemplar*. Exemplar porque se reuniu, no mesmo conjunto ofertado, e para além de várias publicações, aquilo que eram as três principais categorias de reproduções de obras de arte: reproduções em gesso, galvanoplastia e fotografia.

De facto, as reproduções de objetos artísticos assumiram-se como instrumentos fundamentais no quadro da museologia da segunda metade do século XIX, mais especificamente no contexto das práticas colecionistas, expositivas e pedagógicas dos museus de artes ornamentais, industriais, fabris ou decorativas, e as permutas de reproduções promovidas entre diversos países desenvolveram-se com um grande dinamismo.

A doação realizada em 1866 pelo South Kensington Museum à Academia lisboeta encaixa-se perfeitamente neste ambiente internacional e testemunha na perfeição a natureza dos objetos tão intensamente transacionados entre as mais diversas instituições. Na análise que nos propomos realizar, procuraremos reconstituir esta histórica doação, a atual localização dos objetos e publicações ofertados e analisar com mais alguma profundidade alguns dos núcleos que apresentam um maior ineditismo no que diz respeito ao seu estudo e divulgação, nomeadamente a coleção de reproduções em gesso de placas de marfim esculpido – os designados *fictile ivories* – atualmente pertencente ao acervo do Museu Nacional de Arte Antiga, que tem sido objeto da nossa mais recente investigação e que se configura como uma coleção singular no panorama museológico nacional.

André das Neves Afonso trabalha no Museu Nacional de Arte Antiga desde 2010, sendo atualmente assistente das coleções de Ourivesaria e Joalheria. É mestre em Museologia e Museografia pela FBAUL e investigador colaborador do CIEBA.

Tem publicado e apresentado diversos trabalhos na área da museologia e património da Igreja e, nos últimos anos, tem centrado o seu trabalho no âmbito dos estudos de ourivesaria, metais e galvanoplastia. As suas investigações mais recentes relacionam-se com as coleções de reproduções históricas que ainda integram o acervo do MNAA, nomeadamente as coleções de galvanoplastias e de *fictile ivories*. E-mail: andreafonso@mnaa.dgpc.pt

DESENHO CONTEMPORÂNEO DA FBAUL – INVENTARIAÇÃO, ESTUDO E PRESERVAÇÃO

Clotilde Pratas (1), Alice Nogueira Alves (1)

(1) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA).

A presente comunicação tem como objetivo apresentar o nosso tema de doutoramento dedicado ao aprofundamento da história do acervo de desenho contemporâneo da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

No decorrer do nosso percurso académico nesta instituição, desenvolvemos uma grande ligação de afeto, que resulta na nossa intenção de nos dedicarmos ao estudo desta coleção, que consideramos muito importante e que deve ser preservada, por causa dos autores que a integram, mas, também, por se tratar de um testemunho crucial da evolução do ensino artístico em Portugal, tendo em consideração os métodos e as práticas pedagógicas desenvolvidos desde os anos 1960 até aos nossos dias.

Para uma melhor sistematização, dividimos este projeto em quatro partes distintas. A primeira é dedicada à teorização do desenho contemporâneo e à sua valorização; na segunda, serão desenvolvidas metodologias para a inventariação da coleção e trabalhadas questões relacionadas com a Conservação Preventiva; em seguida, propomos a criação de uma política de incorporação e, por último, é feito um conjunto de propostas para a sua musealização.

Neste momento estamos a desenvolver a primeira parte, porque consideramos que conhecer a história do acervo possibilitará a criação de um fio condutor crucial ao longo do nosso processo de inventariação e estudo das peças. Neste ponto, pretendemos focarmo-nos em vários aspetos, desde da sua criação, a exposições onde a coleção esteve presente e à exploração de vários artigos e catálogos com informações relevantes sobre o acervo e suas peças.

O estudo do acervo de desenho contemporâneo vai permitir conhecê-lo na sua plenitude e, conseqüentemente, criar as bases para a sua gestão, salvaguarda e divulgação.

Clotilde Pratas. Licenciada em Ciências da Arte e do Património e mestre em Museologia e Museografia. Atualmente encontra-se no primeiro ano de Doutoramento em Belas-Artes, na área de Ciências da Arte e do Património. Todo o seu percurso académico foi realizado na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

Alice Nogueira Alves. Professora Auxiliar Convidada da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e investigadora integrada do CIEBA. Conservadora restauradora, doutorada em História da Arte, Património e Teoria do Restauro na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 2009, e pós-doutorada em Belas-Artes na Faculdade de Belas-Artes da mesma Universidade, em 2017. E-mail: alicenalves@gmail.com / a.alves@belasartes.Ulisboa.pt

VOLTE FACE – MEDALHA CONTEMPORÂNEA: ACERVO DE MEDALHAS CONTEMPORÂNEAS DA FACULDADE DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DE LISBOA (FBAUL)

Ana Sofia Neves (1), Ana Bailão (1)(2), Andreia Ferreira (1)

(1) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA).

(2) Universidade Católica Portuguesa, CITAR – Centro de Investigação em Ciências e Tecnologias das Artes, Escola das Artes.

A presente comunicação tem como objetivo dar a conhecer a investigação realizada sobre o acervo de medalhas contemporâneas da extinta Secção de Investigação e de Estudos Volte Face – Medalha Contemporânea, do Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes (CIEBA). Trata-se de uma coleção constituída com objetos com características experimentais a nível formal, técnico e temático, criados por alunos e professores no seio da disciplina de Medalhística da FBAUL. Foram estudadas 489 medalhas pertencentes a 32 membros do grupo. A singularidade desta coleção reside na diversidade de materiais, formas e dimensões que estes objetos podem adquirir. A nível material apurámos a existência de nove grupos de materiais que constituem as medalhas estudadas. Em muitos casos estas peças apresentam combinações de materiais de vários grupos em simultâneo. No que concerne às formas, verificaram-se formatos tais como: medalhas de anverso/reverso de forma circular, quadrangular, retangular ou triangular, no contexto da medalha de vulto pleno, encontramos formas esféricas, ou cúbicas. Relativamente às dimensões os casos inventariados do acervo Volte Face apresentam medalhas com medidas compreendidas entre 25 e os 885 mm.

Foram estas características específicas e natureza complexa que nos fizeram aferir a necessidade de se realizar embalagens de acondicionamento feitas à medida das obras, de forma a se reduzir potenciais danos causados pela sua manipulação. Para além disso fez ainda parte dos nossos objetivos a realização do inventário e documentação das peças, bem como a identificação dos fatores de degradação que afetam esta tipologia de obras.

Ana Sofia Neves é licenciada em Escultura, com o Laboratório em Conservação e Restauro de Gessos, pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (2013-2016). Atualmente é aluna do Mestrado em Ciências da Conservação, Restauro e Produção de Arte Contemporânea na mesma instituição. A sua área de investigação, de mestrado, prende-se pela conservação de medalhas contemporâneas. Foi voluntária no Museu do Neo-Realismo de Vila Franca de Xira (2016-2018), onde desenvolveu trabalhos de restauro de esculturas em gesso. De 2018-2019 integrou o POJ de Longa Duração, colaborando com o Núcleo de Conservação e Restauro do Município de Vila Franca de Xira. Atualmente é estagiária profissional na mesma instituição. E-mail: a.neves4@gmail.com

Ana Bailão é Prof. Auxiliar Convidada na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, Departamento de Ciências da Arte e Património; Prof. Adjunta Convidada no Instituto Politécnico de Tomar, Departamento de Arqueologia, Conservação e Restauro e Património. Investigadora integrada do Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes (CIEBA), Universidade de Lisboa, e investigadora colaboradora do Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes (CITAR), Universidade Católica Portuguesa. Doutorada em Conservação de Bens Culturais pela Universidade Católica Portuguesa (UCP). Desde 2005 exerce a profissão de Conservadora-restauradora para entidades públicas e privadas. E-mail: ana.bailao@gmail.com

Andreia Ferreira é licenciada em Artes Plásticas – Escultura (2005) e Mestre em Escultura (2012) pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Frequenta o Doutoramento em Belas-Artes (Especialização em Escultura) na mesma instituição, onde foi assistente convidada, lecionando as unidades curriculares de Medalhística e Escultura. E-mail: andreia.pereira.ferr@gmail.com

A PROBLEMÁTICA NOS TRATAMENTOS DAS ESTRUTURAS INTERNAS EM FERRO NAS OBRAS EM GESSO NA RESERVA DE ESCULTURA DA FACULDADE DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Oseias de Souza (1), Marta Frade (2)

(1) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes.

(2) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA).

No âmbito de mestrado em Ciências da Conservação, Restauro e Produção de Arte Contemporânea na FBAUL, pretendemos desenvolver o estudo do mecanismo eletroquímico dos ferros a fim de validar uma conservação preventiva/curativa para as esculturas em gesso da reserva de escultura da FBAUL.

Os principais agentes de degradação nestas esculturas são as fraturas com perda de material provocadas pela deterioração das estruturas internas em ferro. Sendo o gesso um material que absorve facilmente a humidade do ar e o oxigénio, fatores fundamentais para os mecanismos de corrosão dos ferros difíceis de controlar, pretendemos criar mecanismos para evitar ambas degradações.

Nas estruturas internas das esculturas a oxidação do ferro produz produtos de corrosão cujas espessuras podem chegar ao dobro do volume inicial causando fissuras e fraturas que acabam por destacar partes provocando a perda do material como também a migração dos óxidos para a superfície, impossível de ser removida sem danificar o gesso.

Os tratamentos destes elementos em ferro, quando estão expostos, parece relativamente fácil, seguindo os preceitos dos tratamentos dos ferros. Contudo o problema é quando esses elementos não estão expostos, não permitindo um tratamento completo, podendo ser ineficaz num tratamento parcial, de acordo com o princípio da corrosão.

Com este artigo, pretendemos mostrar o desenvolvimento do estudo prático junto de três estudos de caso para a salvaguarda deste património da Universidade de Lisboa.

Oséias de Souza. Iniciou a sua formação na Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra em 2005 onde leciona desde 2009 na área de metais. Tem frequentado vários cursos de especialização na Inglaterra. Atualmente é mestrando em Ciências da Conservação, Restauro e Produção de Arte Contemporânea na Faculdade de Belas-Artes de Lisboa. E-mail: crmetaissouza@gmail.com

Marta Frade. Iniciou a sua formação na Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra em 1997. Em 2005 concluiu a licenciatura bi-etápica em Conservação e Restauro no Instituto Politécnico de Tomar. Desde 2018 é doutorada com a tese Conservação e Restauro de Escultura em gesso – Valorização, Metodologia e Ensino. E-mail: martacostafrade@gmail.com

RECONSTRUÇÃO VOLUMÉTRICA DA ESCULTURA O ÓRFÃO (1871)

Andreia Tocha (1), Henrique Costa (2), Eduardo Duarte (2), Marta Frade (2)

(1) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes.

(2) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA).

A presente comunicação incide sobre o tema da reconstrução de património perdido, neste caso na obra em gesso do escultor Simões de Almeida Júnior (Simões de Almeida, Tio), *O Órfão* (1871). Desta estátua, a Faculdade de Belas-Artes possui o gesso original com dissociação da mão direita. Ao Museu Nacional de Arte Contemporânea (Museu do Chiado) pertence uma outra cópia em gesso da mesma peça, que também apresenta dissociada parte do braço direito e a mão.

Abortam-se temas como a fotogrametria para melhor entendimento do processo que nos permitirá a execução de uma réplica em 3D que será aplicada no gesso.

O processo de recriação da mão foi realizado digitalmente e impresso tanto em PLA como em gesso e partiu essencialmente de uma foto existente de *O Órfão*, pertencente à coleção do Nacional de Arte Contemporânea (Museu do Chiado), na qual a peça surge completa. Também foram retiradas medidas tiradas do original (ao nível do punho e da mão esquerda da peça) de *O Órfão*, pertencente à Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

O objetivo final deste processo será a reconstrução do volume em falta na obra *O Órfão* (parte do braço, pulso e mão direita) e assim conseguir a interpretação da obra na integra a sua fruição.

Andreia Tocha (1977), vive e trabalha em Lisboa, onde estudou design industrial e concluiu a sua licenciatura no ano de 2003. Atualmente termina o curso de mestrado Ciências da Conservação, Restauro e Produção de Arte Contemporânea na Faculdade de Belas-Artes em Lisboa e tem vindo a desenvolver ao longo do seu percurso diversas exposições no âmbito das artes plásticas.

DIAMANG NOS MUSEUS DE GEOCIÊNCIAS DO IST

Joana Marta Pernes (1), Manuel F. C. Pereira (2)

(1) Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa, Av. Rovisco Pais, 1049-001 Lisboa, Portugal.

(2) CERENA – Centro de Estudos em Recursos Naturais e Ambiente, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa.

A Companhia de Diamantes de Angola – Diamang, que operou entre 1917 e 1975, sendo a maior contribuinte e a principal empregadora da Angola colonial nesse período. A importância desta companhia no contexto do colonialismo português está bem expressa nos seus rótulos “um estado dentro do Estado” ou “a nona colónia”. A comemoração de um século da criação da Diamang, há 2 anos, levou a que se procurasse nos acervos dos Museus de Geociências do IST materiais provenientes dessa Companhia. O trabalho foi desenvolvido no âmbito da unidade curricular de Seminários em Ciências de Engenharia da Terra da Licenciatura em Engenharia Geológica e de Minas do IST. O levantamento efetuado mostrou a existência de algumas centenas de amostras, perfeitamente enquadráveis na temática da prospeção, exploração e separação diamantífera efetuada pela Diamang. Com base nos documentos de arquivo foi possível estabelecer o tipo de incorporação das amostras e o racional da coleção. As amostras mais antigas foram oferecidas, no início da década de 20 do século passado, ao Museu Bensaúde, na ocasião sob a direção do professor Amílcar Mário de Jesus. Trata-se de um importante conjunto de amostras que retrata todas as etapas do processo de tratamento das cascalheiras diamantíferas. Outro importante núcleo, que está no Museu Décio Thadeu, contextualiza todas as formações geológicas relacionadas com os depósitos primários (quimberlitos) ou secundários de diamantes angolanos.

Joana Marta Pernes. 22 anos, frequência da Licenciatura em Engenharia Geológica e de Minas do Instituto Superior Técnico, presidente da direção geral do núcleo de minas do IST (NUMIST) no ano letivo 2019-2020. Áreas de interesse mineralogia, petrologia, geologia, recursos geológicos e recursos mineiros.

A UTILIZAÇÃO DE CÓDIGOS QR NO COMBATE À DISSOCIAÇÃO EM COLEÇÕES MUSEOLÓGICAS – O CASO DA RESERVA DE ESCULTURA DA FACULDADE DE BELAS-ARTES

Guilherme Gameiro Lopes (1), Alice Nogueira Alves (2), Marta Frade (2)

(1) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes.

(2) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA).

A reserva de Escultura da Faculdade de Belas-Artes tem obras que surgiram de diversos contextos, sendo 99% do acervo composto por gessos e o restante por pedra. Para além das obras em reserva, estão expostas por toda a faculdade uma grande quantidade de peças que também fazem parte deste acervo.

A dissociação tem sido um dos principais fatores de degradação nas coleções museológicas desde sempre, e está relacionada com a negligência na gestão de uma coleção. Como exemplos, podemos referir a falta de organização dentro da reserva, a falta de utilização de documentação em formato eletrónico, não saber a localização exata dos objetos, entre outros aspetos. Este fator de degradação pode também ser afetado pelos outros nove identificados pelo Canadian Conservation Institute, que causam a degradação ou o desaparecimento de elementos que conectem os objetos à sua documentação, levando à perda de objetos e de informação que pode ser muito gravosa para a coleção.

Sendo um dos modos de combate à dissociação a identificação da localização dos objetos e a sua ligação a um sistema, no caso desta reserva, propomos a utilização de códigos QR, que podem ser lidos com as câmaras dos nossos *smartphones*, permitindo o acesso a uma grande quantidade de informação através do acesso a *websites*, públicos ou privados. Estes códigos permitem-nos criar estas ligações entre os objetos e a informação que lhes esteja associada, como é o caso das fichas de inventário. Para além da sua utilidade na organização no interior das reservas, também é útil na exposição permanente como meio de fornecer informação adicional ao visitante, tornando-a acessível a todos.

Este projeto é parte de um mestrado em Museologia e Museografia, intitulado “Organização e Gestão de Coleções – Reserva de Escultura da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa”, em que propomos o combate à dissociação através da utilização dos códigos QR.

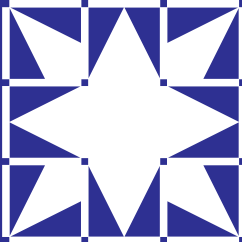
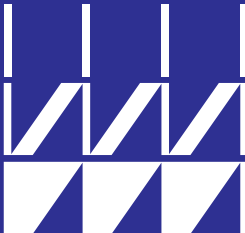
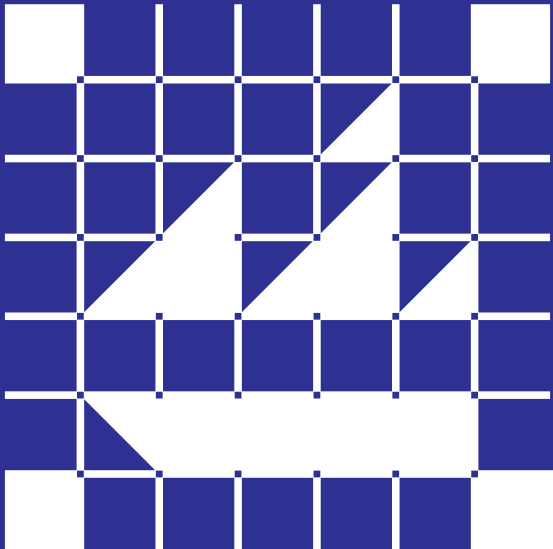
Guilherme Gameiro Lopes é aluno da Faculdade de Belas-Artes desde 2015. Fez a sua licenciatura em Ciências da Arte e do Património e é mestrando no curso de Museologia e Museografia. Atualmente, trabalha na área do património edificado, participando em intervenções de conservação e restauro.

Alice Nogueira Alves. Professora Auxiliar Convidada da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e investigadora integrada do CIEBA. Conservadora restauradora,

doutorada em História da Arte, Património e Teoria do Restauro na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 2009, e pós-doutorada em Belas-Artes na Faculdade de Belas-Artes da mesma Universidade, em 2017. E-mail: alicenalves@gmail.com / a.alves@belasartes.ULisboa.pt

Marta Frade iniciou a sua formação na Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra em 1997. Em 2005 concluiu a licenciatura bi-etápica em Conservação e Restauro no Instituto Politécnico de Tomar. Desde 2018 é doutoradacom a tese *Conservação e Restauro de Escultura em gesso – Valorização, Metodologia e Ensino*.

Pósteres



COLEÇÃO DE ARQUEOLOGIA DOS MUSEUS DE GEOCIÊNCIAS DO IST

Manuel Francisco C. Pereira (1)

(1) CERENA- Centro de Estudos em Recursos Naturais e Ambiente, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa.

Os Museus de Geociências do IST (Museu Alfredo Bensaúde – MAB e Museu Décio Thadeu – MDT), possuem um pequeno núcleo arqueológico, reunido sobretudo por Ernest Fleury (1878-1958) no período em que chefiou os Serviços Geológicos (1929-1934).

O acervo principal destes museus reporta-se, essencialmente, a coleções nacionais e das ex-colónias portuguesas, e foi sendo reunido e organizado ao longo do tempo por cinco ilustres Professores do IST: Alfredo Bensaúde, Ernest Fleury, Amílcar Mário de Jesus, Décio Thadeu e Luís Aires-Barros. À semelhança do Museu Geológico, o espólio mais antigo tem origem nas Comissões Geológicas do Reino, acrescendo a herança do Instituto Industrial e Comercial de Lisboa. Sendo desconhecidas da maioria da comunidade escolar, estas coleções constituem um contributo fundamental para trabalhos didáticos e científicos.

A justificação da presença de coleções de arqueologia no Museu Décio Thadeu ou na secção arqueológica dos Serviços Geológicos de Portugal, prende-se com a controversa questão da antiguidade da espécie humana, que em meados do século XIX constituía uma das principais preocupações da ciência ocidental. Com efeito, para o esclarecimento desta questão, era incontornável o contributo da Geologia, e, em particular, da Estratigrafia e da Paleontologia. O acervo contém objetos com cerca de 20 proveniências, quase todas nacionais, incluindo materiais pétreos, cerâmicos e restos humanos e de animais.

Manuel Francisco Costa Pereira. Mestre em Geoquímica e Doutor em Engenharia de Minas no IST. Experiência em diversos domínios de investigação, sobretudo, na caracterização físico-química de materiais naturais. Professor Auxiliar no IST. Membro do CERENA-IST e responsável pelos Museus de Geociências do IST. Experiência em divulgação científica.

A COLEÇÃO OSTEOLÓGICA DA FBAUL: UMA COLEÇÃO DEDICADA AO ENSINO

Diana Moreira Dinis (1), Isabel Maria Dinis Correia Ritto (2), Alice Nogueira Alves (2)

(1) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes.

(2) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA)

Os espécimes osteológicos têm sido utilizados como materiais didáticos nas academias e escolas de belas-artes desde o Renascimento italiano. A coleção osteológica da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL) é composta por 199 elementos ósseos: humanos e não-humanos, articulados e não-articulados, peças ósseas isoladas e fragmentos.

Devido à sua tipologia de coleção de ensino, os elementos ósseos foram encontrados dissociados dos seus aspetos e valores intangíveis, sem qualquer documentação associada, bem como expostos a condições pouco favoráveis à sua preservação. Visando a valorização e a atribuição de um estatuto patrimonial a estes espécimes, foi elaborado o inventário desta coleção osteológica e iniciada a implementação de um conjunto de práticas e dos procedimentos mais adequados para a preservação de uma coleção desta natureza.

Por último, pretende-se reforçar propostas de trabalho futuro e alertar para a urgência de um debate em torno de questões éticas, não só pela sua pertinência no contexto do panorama atual da museologia, como, também, e mais importante ainda, por se tratar de uma coleção formada sobretudo por remanescentes humanos.

Diana Moreira Dinis. Mestre em Museologia e Museografia na Faculdade de Belas- Artes da Universidade de Lisboa, em 2016. Bolseira de Técnico de Investigação, em 2017, na mesma instituição.

Isabel Correia Ritto. Professora Auxiliar da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Membro do Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes. Médica Oftalmologista. Membro da Sociedade Anatómica Portuguesa, da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia e do Grupo Português de Ergoftalmologia.

Alice Nogueira Alves. Professora Auxiliar Convidada da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e investigadora integrada do CIEBA. Conservadora restauradora, doutorada em História da Arte, Património e Teoria do Restauro na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 2009, e pós-doutorada em Belas-Artes na Faculdade de Belas-Artes da mesma Universidade, em 2017. E-mail: alicenalves@gmail.com / a.alves@belasartes.Ulisboa.pt

COLEÇÕES PALEONTOLÓGICAS DO MUSEU NACIONAL DE HISTÓRIA NATURAL E DA CIÊNCIA (LISBOA, PORTUGAL): INTERESSE CIENTÍFICO, EDUCATIVO E CULTURAL

Vanda Faria dos Santos (1), Fernando Barroso-Barcenilla (2)(3), Mélanie Berrocal-Casero (2) (3), José Manuel Brandão (4), Pedro Miguel Callapez (5)

(1) Dep. Geologia, Univ. Lisboa.

(2) Dep. Geología, Geografía y Medio Ambiente, Univ. Alcalá, Alcalá de Henares, España

(3) Dep. Geodinámica, Estratigrafía y Paleontología, Univ. Complutense de Madrid, España.

(4) Instituto de História Contemporânea da NOVA, FCSH.

(5) CITEUC, Dep. Ciências da Terra, Univ. Coimbra.

As coleções de fósseis do Museu Nacional de História Natural e da Ciência incorporam um acervo reunido ao longo de mais de 150 anos de história científica institucional, mantendo incólume um interesse taxonómico, estratigráfico e paleobiológico capaz de potenciar atividades científicas, educativas e culturais benéficas para a sociedade. Os trabalhos de estudo e valorização em curso têm vindo a contribuir para a sua conservação e divulgação, vincando a sua importância de referência internacional e reintegrando-as no património da Universidade de Lisboa (UL). Considera-se fundamental que as coleções possam continuar a ser objeto de trabalhos de investigação e a integrar exposições que levem temas de Ciências ao conhecimento de diversos públicos, sensibilizando-os para a História da Terra e da Vida, a fragilidade ambiental da Biosfera e o papel da UL no desenvolvimento destes saberes, em Portugal.

Vanda Faria dos Santos. Investigadora da Universidade de Lisboa, trabalhou com as coleções de espécimes fósseis do MUHNAC, em colaboração com investigadores de outras instituições, visando a recuperação e atualização do seu valor histórico, científico e pedagógico e a acessibilidade.

DO CENTRO DE PETROLOGIA E GEOQUÍMICA (CEPGIST) AO CENTRO DE RECURSOS NATURAIS E AMBIENTE (CERENA) DO INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO: O CONTRIBUTO PARA A SALVAGUARDA E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL CONSTRUÍDO EM PEDRA

Amélia Dionísio (1)

(1) Centro de Recursos Naturais e Ambiente (CERENA), Instituto Superior Técnico, DECIVIL, Universidade de Lisboa.

O Centro de Petrologia e Geoquímica (CEPGIST) foi criado, em 1978, no âmbito do Instituto Nacional de Investigação Científica (INIC). Após a extinção do INIC este Centro transitou para a Universidade Técnica de Lisboa e em 1994 foi integrado no Instituto Superior Técnico. É um dos centros de investigação mais emblemáticos no que concerne à temática da preservação e salvaguarda do património cultural construído em pedra. Num processo de reestruturação científica, esta linha de investigação foi integrada, em 2014, no Centro de Recursos Naturais e Ambiente (CERENA).

Procura-se neste poster efetuar um levantamento dos principais resultados de investigação alcançados ao longo de mais de 40 anos de existência e/ou de casos paradigmáticos de intervenções de Conservação e Restauro em que os seus investigadores fizeram parte das equipas científicas. A título meramente exemplificativo pode apontar-se o acompanhamento da intervenção na Torre de Belém, a aplicação de técnicas de análise de imagem e morfologia matemática, microtomografia computadorizada de raios-X (mTC) e técnicas geofísicas não invasivas para avaliação do estado de degradação da pedra. A avaliação da influência das propriedades intrínsecas dos materiais pétreos, especificidades dos edifícios como condicionantes da degradação da pedra, interação pedra-ambiente, patologias, caracterização mineralógica e química dos produtos de alteração são também alvo de interesse da equipa de investigação.

Amélia Dionísio. Professora Auxiliar do Departamento de Engenharia Civil, Arquitetura e Georrecursos do IST-UL. Tem participado em vários estudos de conservação de rochas de monumentos portugueses. As suas principais áreas de investigação têm enfoco na avaliação da alteração e alterabilidade de rochas aplicadas em património, seja decorrente das alterações climáticas, seja da actividade de microorganismos. Os métodos não invasivos para avaliação do estado de conservação da pedra são igualmente alvo de interesse, assim como o comportamento destes materiais após incêndios. E-mail: amelia.dionisio@tecnico.ULisboa.pt

JARDIM BOTÂNICO TROPICAL (JBT), BELÉM – E SOB A RELVA, A HISTÓRIA? ACOMPANHAMENTO ARQUEOLÓGICO NA PRIMEIRA FASE DA INTERVENÇÃO DA OBRA DE REQUALIFICAÇÃO DO (JBT), DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Mariana Diniz (1), Luís Ribeiro (2)

(1) UNIARQ – Centro de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

(2) TOPIARIS – Arquitectura paisagista.

Neste poster pretende-se apresentar os resultados do acompanhamento arqueológico realizado, ao longo do ano de 2019, no Jardim Botânico Tropical, Belém, em consequência da primeira fase da requalificação deste jardim, promovida pela Universidade de Lisboa.

Da história longa deste espaço, muita dela registada graficamente em diferentes momentos, alguns elementos, com diferentes cronologias, estão conservados no sub-solo, desenhando um outro jardim, de raízes invisíveis que sob a relva sustentam os espaços que se percorrem.

Infra-estruturas, materiais de construção, alguns – raros – elementos decorativos são reflexo desse uso longo destes espaços, percebido na abertura das valas que integram o projecto de requalificação do JBT, e que constituem elementos da memória e do património deste Jardim.

A CONSERVAÇÃO E RESTAURO DA RÉPLICA EM GESSO DO PÚLPITO DA RESERVA DE ESCULTURA DA FACULDADE DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Marta Frade (1)(2), Ana Margarida Santos (2), André Salvado (2), Ariana Ribeiro (2), Catarina Caetano (2), Diogo Cunha (2), Fabiana Pedro (2), Filipa Costa (2), Guilherme Magalhães (2), Rodrigo Pedroso (2), Tiago Brandão (2), Maria Helena Espada (2), Leonardo Vieira (2), Matilde Pereira (2), Laura Santos (2), Marta Montero (2), Rodrigo Alves (2), Luís Miguel Jacinto (2), Pedro Silvestre (2), Vitória Pereira (2), Ana Mafalda Cardeira (1)(2)

(1) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes, (CIEBA).

(2) Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra.

Os alunos da Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra, no âmbito do módulo de Práticas de conservação e restauro de Estuques, intervieram na réplica em gesso do Púlpito da Igreja de Santa Cruz de Coimbra, atribuído a Nicolau de Chanterene, pertencente à reserva de escultura da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

A intervenção consistiu numa metodologia interdisciplinar, desde a área dos métodos de exame e análise, onde se efetuou a recolha de amostras e a análise microscópica com fluorescente ultravioleta, à área dos metais na limpeza dos elementos da estrutura interna.

Com este poster pretendemos demonstrar toda a intervenção por nós desenvolvida na preservação, conservação e restauro de uma obra pertencente ao acervo de escultura da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

Marta Frade. Iniciou a sua formação na Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra (EPRPS) em 1997, onde despertou o seu interesse pelo património executado em gesso. Considerado como arte menor revelou-se na matéria com máxima importância no seu estudo académico. Concluiu o Bacharelato em Conservação e Restauro no Instituto Politécnico de Tomar em 2003 e a Licenciatura, na mesma área em 2005. Desde 2007 que lecciona na EPRPS e desde 2011 como Assistente Convidada da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Em 2018 conclui o seu Doutoramento dedicado à área da Conservação e Restauro de Escultura em gesso – Valorização, Metodologia e Ensino. E-mail: martacostafrade@gmail.com

Ana Margarida Santos, André Salvado, Ariana Ribeiro, Catarina Caetano, Diogo Cunha, Fabiana Pedro, Filipa Costa, Guilherme Magalhães, Rodrigo Pedroso, Tiago Brandão, Maria Helena Espada, Leonardo Vieira, Matilde Pereira, Laura Santos, Marta Montero, Rodrigo Alves, Luís Miguel Jacinto, Pedro Silvestre, Vitória Pereira. Alunos do 2.º ano do curso Assistente de Conservação e Restauro, Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra. E-mail: acrturma2018@gmail.com

Ana Mafalda Carneira (Lisboa, 1990) é Doutorada em Belas Artes, especialidade de Ciências da Arte, na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL), com o projeto de tese focado na investigação das influências da modernidade na produção de pintura académica de modelo nu da coleção da FBAUL. Mestre em Ciências da Conservação, Restauro e Produção de Arte Contemporânea na mesma instituição, com a tese intitulada de ‘Caracterização material e técnica das “Académias de Nu” de José Veloso Salgado, pertencentes à coleção da FBAUL’. Foi bolsreira do Programa Doutoral HERITAS, colaboradora de Centro de Investigação e Estudos em Belas Artes da FBAUL e do Laboratório HERCULES da Universidade de Évora, e é Professora de Métodos de Exame e Análise Laboratorial na Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra. Tem desenvolvido investigação e publicado ao nível internacional na área dos métodos de exame e análise a obras de arte moderna e contemporânea, e também foi Gestora de Projeto da equipa interdisciplinar responsável pelo desenvolvimento do novo Museu Virtual FBAUL. E-mail: mafaldacarreira@gmail.com

CONHECER OS PROFESSORES DE CIÊNCIAS ENTRE 1911 E 1974

Teresa Rodrigues Boa (1), Marisa Santos (1), Cristina Manessiez (1)

(1) FCUL, Área de Documentação e Arquivo.

Em 2015 a FCUL organizou a Exposição “Livros de Ciências. Ciências em livros”, para dar a conhecer as publicações produzidas pela comunidade Ciências. Na sua sequência iniciou-se o projeto “Conhecer os Professores de Ciências entre 1911 e 1974”, de modo a divulgar o património documental da FCUL e salvar a memória da instituição, destacando a produção científica dos seus docentes. Inicialmente identificaram-se as áreas disciplinares existentes na época (Ciências Matemáticas, Físico-Químicas e Histórico-Naturais), através da consulta dos Anuários e da Memória da UL, da qual resultou um cronograma que procurou dar uma perspetiva da carreira profissional dos docentes durante o período estabelecido, bem como retirar dados que foram alvo de tratamento estatístico. Identificaram-se as publicações que constam do catálogo bibliográfico da UL e elaboraram-se as respetivas listas bibliográficas. Tendo sido identificados 292 docentes e elaboradas 203 listas, foram organizadas mostras documentais dos professores que, desde a fundação da FCUL em 1911 até 1974, chegaram a Catedráticos. O trabalho desenvolvido foi partilhado no âmbito duma investigação de doutoramento e será objeto duma futura exposição. Prevê-se ainda a inclusão destes dados no repositório Ciências, já que é nossa convicção que o conhecimento do passado e a preservação da memória de Ciências são alicerces centrais ao reconhecimento das suas diferentes valências.

Teresa Rodrigues Boa, Bibliotecária na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa desde 2002. Licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Pós-Graduação em Ciências Documentais-Opção Documentação e Biblioteca pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Marisa Santos, Bibliotecária na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa desde 2013. Licenciada em LLM, na Variante de Estudos Portugueses pela Universidade do Algarve e mestre em Ciências da Informação e da Documentação-Área de especialização em Biblioteconomia pela Universidade Nova de Lisboa.

Cristina Manessiez, Bibliotecária na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa desde 2013. Licenciada em História e pós-graduada em Ciências Documentais, variante Bibliotecas, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

DAR DE BEBER À DOR! O ESPÓLIO SOBRE A ÁGUA NOS MUSEUS DE GEOCIÊNCIAS DO IST

Manuel Francisco Costa Pereira (1)

(1) CERENA – Centro de Estudos em Recursos Naturais e Ambiente, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa.

Dos céus às entranhas da Terra, a água determina a nossa vida. O que é que o engenho humano tem feito para a compreender e usar?

Os Museus de Geociências do IST (Departamento de Civil, Arquitetura e Georrecursos) tutelam um vasto e coerente conjunto de informação bibliográfica e fotográfica, que permite compreender a importância e o esforço de várias gerações de especialistas e professores, no que respeita à pesquisa, exploração e gestão dos recursos hídricos portugueses. Os tópicos mais relevantes são os trabalhos conducentes à abertura de furos para abastecimento público das principais cidades portuguesas e de importantes empresas, assim como a construção de barragens para fornecimento de água ou de energia hidroelétrica.

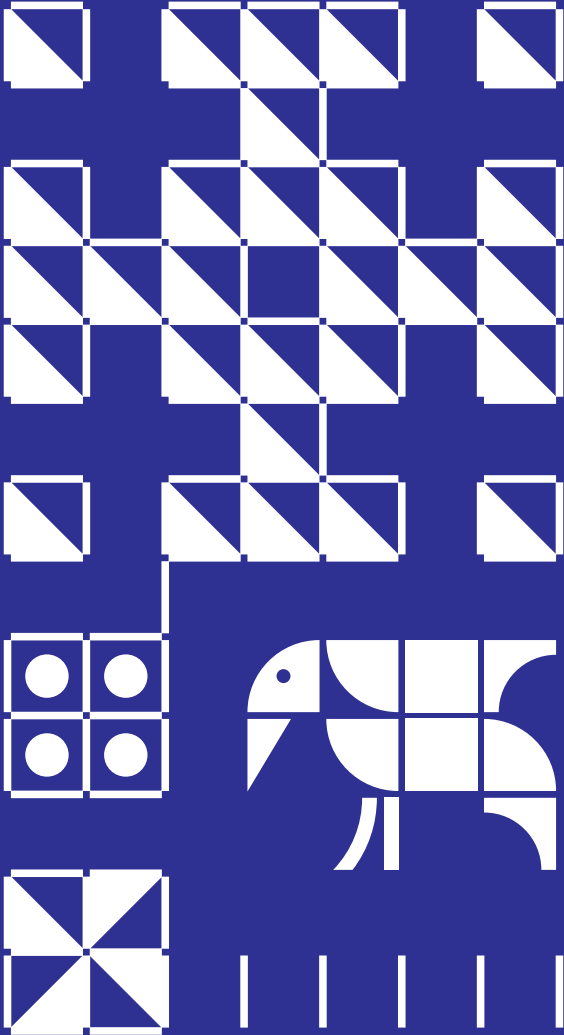
A partir da análise documental e dos espólios pessoais, de Alfredo Bensaúde, Paul Choffat, Ernest Fleury, Décio Thadeu e Luís Aires-Barros, é possível avaliar as mudanças de paradigma no acesso à água no desenrolar do século XX em Portugal. Algum espólio do antigo Instituto Nacional da Água (Agência Portuguesa do Ambiente), também tutelado pelos Museus de Geociências do IST, enriquece substancialmente o conjunto de informação referente àqueles professores do IST.

Para além dos aspetos históricos, técnicos e paisagísticos locais, considera-se que este fundo documental é de elevada relevância para a consciencialização ambiental e cidadania das novas gerações.

Manuel Francisco Costa Pereira. Mestre em Geoquímica e Doutor em Engenharia de Minas no IST. Experiência em diversos domínios de investigação, sobretudo, na caracterização físico-química de materiais naturais. Professor Auxiliar no IST. Membro do CERENA-IST e responsável pelos Museus de Geociências do IST. Experiência em divulgação científica.

O estudo do Património na Universidade de Lisboa

Keynote speakers



DESENHO DE PATRIMÓNIO: A (RE)CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA

Artur Ramos (1)

(1) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA).

O Desenho no âmbito do património tem, há já alguns séculos, uma função importante na sua divulgação e investigação científica. É um desenho que tem regras e objetivos muito claros e definidos. Ao desenhador é exigido uma competência que aparentemente parece cingir-se a uma base meramente técnica, mas que na verdade acaba em pleno domínio da criação artística.

Esta comunicação pretende mostrar dois exemplos que testemunham a união das belas-artes com a vasta área do património. O primeiro apresenta no âmbito do desenho etnográfico um artista, Fernando Galhano, pintor de formação, que dedicou a sua vida a documentar através do desenho inúmeros aspetos da cultura nacional muitos deles já hoje desaparecidos. O segundo exemplo insere-se numa vertente muito específica do desenho arqueológico, o desenho de reconstituição, e apresenta vários autores, exemplos e respetivos objetivos. Encontramos em ambos os desenhos grandes denominadores comuns. No entanto, enquanto o desenhador etnográfico parte da realidade visível que ainda existe, o desenhador de reconstituição arqueológica faz renascer o que já foi perdido. Ou seja, um desenha para livrar do desaparecimento e o outro desenha para o recuperar desse preciso desaparecimento.

Artur Ramos nasceu em Aveiro em 1966. Licenciado em Pintura pela FBAUL, Mestre em Estética e Filosofia da Arte pela FLUL e Doutor em Desenho pela FBAUL onde é docente desde 1995 e regente da disciplina de Desenho de Património. Dedicou-se, desde 1986, ao desenho arqueológico e em particular ao desenho de reconstituição.

CIÊNCIAS PARA O PATRIMÓNIO CULTURAL: INVESTIGAÇÃO, INOVAÇÃO E TECNOLOGIAS

Maria Isabel Marques Dias

(1) Centro de Ciências e Tecnologias Nucleares (C2TN), Departamento de Engenharia e Ciências Nucleares (DECN), Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa.

Uma variedade de disciplinas científicas fornece ferramentas e métodos que são cruciais na reconstrução do passado da humanidade e na preservação de vestígios materiais que testemunham a evolução da cultura humana.

Será discutida a contribuição da química, física e de outras ciências na investigação e preservação do património cultural, e das várias abordagens metodológicas micro-invasivas e não destrutivas para a sua análise.

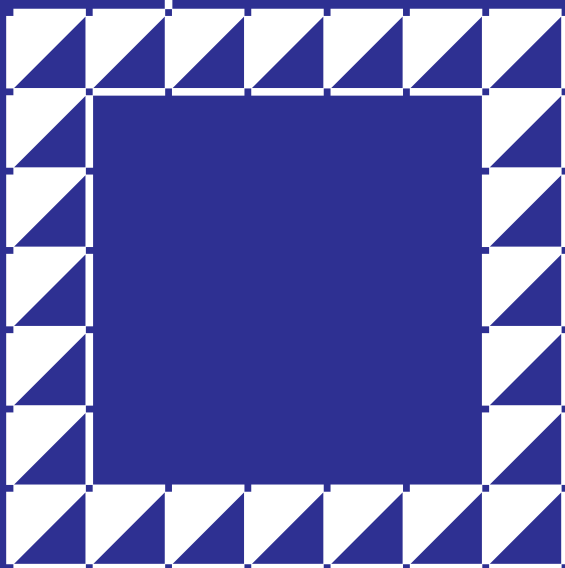
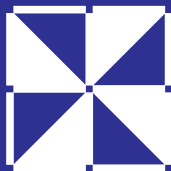
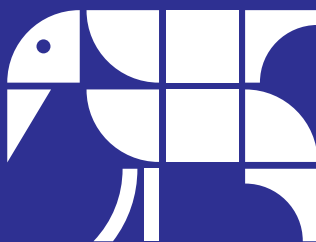
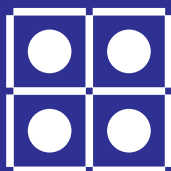
A geologia reconstrói a história dos ambientes terrestres, contribuindo para estudos de estratégias de exploração de matérias-primas e logo de dispersão dos seres humanos. A química e a mineralogia explicam reações que modificam os materiais deixados pelas atividades humanas, incluindo os decorrentes de fenómenos pós-deposicionais e a poluição, contribuindo igualmente para estudos de proveniência e tecnologias de produção. A biologia tem um papel crucial na arqueologia, particularmente com o recente avanço na análise do DNA em materiais orgânicos antigos, bem como em estudos de análise e descontaminação orgânica de objectos do património cultural. Os métodos de datação absoluta contribuem para um mais correcto estabelecimento de cronologias e de autenticidade de objectos do património cultural.

Pretende-se sensibilizar para a importância de estimular a análise e o debate destes temas, com o objetivo de melhorar a capacidade de um setor tão particular e atender às necessidades atuais e aos desafios futuros, contribuindo, nomeadamente para a identificação dos principais problemas que afetam a conservação do património cultural e a ciência do património, estimulando iniciativas conjuntas no seio da Universidade de Lisboa para abordar estas questões com forte impacto na sociedade.

Maria Isabel Marques Dias nasceu em Lisboa em 1965, é investigadora principal (c/agregação) do Departamento de Engenharia e Ciências Nucleares, e membro do grupo Engenharia e Técnicas Nucleares do Centro de Ciências e Tecnologias Nucleares – C2TN, grupo que coordena desde 2015, no Campus Tecnológico e Nuclear (CTN), Instituto Superior Técnico (IST). É desde 2015 membro do Conselho de Escola do IST, desde 2014 membro da Comissão de Gestão do CTN, IST, e desde 2005 responsável pelo laboratório de datação por luminescência. Especializou-se (MSc e PhD) em Mineralogia, Geoquímica e Tecnologia de Argilas na FCUL, e fez a Agregação em Georrecursos em 2015, no Departamento de Engenharia Civil, Arquitectura e Georrecursos, IST. Tem um percurso interdisciplinar em áreas como o ambiente e o património cultural, desenvolvido no então Instituto Tecnológico e Nuclear, desde 1998, onde desenvolveu aptidões na Aplicação de Métodos Nucleares de Análise em Geociências, Georrecursos, NORM, Ambiente, Arqueologia, História de Arte, etc. Actualmente participa nas linhas de actividade: Radioactividade ambiental; Geoprocessos, recursos geológicos estratégicos e mudanças climáticas;

Ambiente – impacto antropogénico, tratamento e reciclagem; Património Cultural – materiais e contextos. Pertence a várias associações profissionais nacionais e internacionais, e foi Presidente da Sociedade Ibérica de Arqueometria Aplicada ao Património Cultural. Participou/coordenou projectos de I&D nacionais e internacionais, e congressos internacionais. Tem sido membro do Painel Nacional de Avaliação da FCT para bolsas de doutoramento e pós-doutoramento em Arqueometria e avaliadora de projetos europeus H2o2o. Orientação de Teses: PhD (4), MSc (6) e estágios (6). Orientações de pós-doutoramentos: 5. Publicações: Capítulos de livros – 30; Revistas internacionais (ISI indexed) – 115; Outras revistas– 30; Actas de conferências nacionais e internacionais - 45. Comunicações em conferências nacionais e internacionais: Oradora Convidada – 40; Comunicações Oraís – 125 e em Poster- 133. E-mail: isadias@ctn.tecnico.Ulisboa.pt

Comunicações



REPRESENTING THE HUMAN IN PREHISTORY: THE CONSEQUENCES OF LIFE AND LARGER THAN LIFE-SIZE FIGURINES

Sara Navarro

(1) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA).

Combining my sculpture training with my professional experience of several years in the museum and science communication areas, I propose in this paper to explore and develop the potential role of contemporary sculpture in communicating archaeology in the museum context. Based on my theoretical and practical knowledge of the processes of pre-historical ceramics production (developed within the scope of my doctoral research), I propose to study the way how contemporary art – particularly sculpture – can be included in archaeological research about the human representation in prehistory as well as the value that this transdisciplinarity can bring to this particular field of study. Focusing on scale issues of human representation, I propose to develop innovative museum strategies which, because they include the display of contemporary sculpture in archaeological contexts, can trigger the “agency” ability of the visitors so that their experience becomes more active, free and subjective.

In a research that moves away from the archaeological context, with this paper I hope to contribute in an original way to the transdisciplinarity between art and archaeology. I view this proposal as a complex and challenging type of research that uses objects of the past with a view to their contemporary transfiguration. In short, I propose to go beyond the more usual narratives of ‘art as archaeology’ or ‘archaeology as art’ (traditionally based on formal analogy and mutual inspiration). I propose to explore the potential of work that goes beyond what is traditionally understood and accepted as either artistic research or archaeological research. A new vision that benefits from the end of the need for interpreting or representing the past in order to open up a whole potential of creative action on these particular traces of the past.

Sara Navarro. I am an artist and researcher positioned at the crossroads of art and archaeology. My work creates a dialogue between contemporary sculpture (primarily ceramic) and traditional museum-based exhibitions of archaeological material. Combining my training in sculpture and professional work in historical museums, I explore the ways that contemporary art expands archaeological research into new worlds of thinking and representing, communicating and displaying. With formal degrees in Fine Arts and in Sculpture, I have worked as a sculptor for over a decade, as well as published on the interface of archaeology and art.

MICROCTOMOGRRAFIA DE RAIOS-X, FERRAMENTA NÃO DESTRUTIVA PARA CARACTERIZAÇÃO 3D DE MATERIAIS EM ARTE E CIÊNCIA

António Maurício (1), Manuel Francisco (1), Carlos Figueiredo (1)

(1) CERENA – Centro de Estudos em Recursos Naturais e Ambiente, Laboratório de Mineralogia e Petrologia (LAMPYST), Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa.

A microtomografia computadorizada de raios X é uma metodologia não destrutiva, que permite efectuar estudos de microscopia qualitativa e quantitativa tridimensional (3D) de objectos constituídos por materiais de complexidade variável mas não opacos aos raios-X. Possibilita o estudo mais ou menos pormenorizado, das características estruturais e texturais tanto à superfície do objecto, como no seu interior, sem que seja necessário recorrer a qualquer tipo de preparação especial físico-mecânica ou de tratamento químico da amostra. As aplicações da ²-CT abrangem os domínios científicos que necessitam de estudar materiais complexos a diferentes escalas de espaço e de tempo, com especial destaque para os materiais biológicos, geológicos e de engenharia, com propriedades dependentes das características referidas anteriormente.

Neste contexto, o LAMPYST tem investigado desde sempre os meios porosos pétreos utilizando métodos clássicos já consagrados e clássicos no âmbito da petrografia, mineralogia e geoquímica dos processos de alteração deutérica e meteórica. Recentemente, evoluiu no sentido de acrescentar nova instrumentação e metodologias de investigação aplicadas à diagnose, conservação e/ou restauro de objetos naturais e artificiais de todos os tipos, cujas dimensões são passíveis de ser estudadas, obedecendo às restrições do equipamento. São de destacar estudos efetuados sobre plantas, insetos, biomateriais, materiais geológicos e materiais de construção, etc.

António Manuel Álvares Serrão Maurício. Doutoramento-Mestrado-Licenciatura: Engenharia de Minas-IST. Actualmente Professor Associado-IST. Experiência em diversos domínios de investigação, sobretudo: caracterização físico-química de materiais naturais. Membro do CERENA-IST. Participa em diversos projetos de investigação, incluindo domínios da conservação do património.

CULTURAL HERITAGE ARTEFACTS AND ION BEAM ANALYTICAL TECHNIQUES

Victoria Corregidor (1)(2), João Cruz (3), Luís Cerqueira Alves (1)

(1) C2TN, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa.

(2) IPFN, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa.

(3) LIBPhys-UNL, Universidade Nova de Lisboa.

When a high energy charged particle (usually protons at few MeV) beam hits a sample, many physical events take place resulting, among others, in the emission of photons. With the proper radiation detectors and dedicated software it is possible to convert these photons into valuable information, as elemental composition and its distribution (in depth and over the surface).

The variety of samples that can be characterized using ion beam analytical techniques is vast, and those related with cultural heritage objects can be included. Knowing the composition of cultural heritage artefacts is important for restoration purposes, ascertain the provenience of raw materials, or validate the genuineness of the piece.

In Portugal, there is available a nuclear microprobe where it is possible to extract the beam and perform the experiments under atmospheric conditions (see figure 1).

The present work will present examples of different objects studied as well as the results obtained that have been useful to decode the history behind them, as manufacturing processes or origin of the materials.

Victoria Corregidor (VC) is a researcher from C2TN-IST, focusing her work on the application of ion beam analytical techniques to study advanced materials and cultural heritage artefacts. She also has oriented several students, including PhD and MSc.

ARQUEOMETALURGIA NO TERRITÓRIO PORTUGUÊS — A CONTRIBUIÇÃO DO C2TN (IST)

M. Fátima Araújo (1)

(1) C2TN, DECN, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa.

Durante as últimas décadas a investigação em Arqueometalurgia em Portugal sofreu progressos significativos, tendo sido essenciais os trabalhos desenvolvidos por investigadores C2TN-DECN, que dinamizaram equipas pluridisciplinares, integrando ainda membros de outras Instituições, nomeadamente especialistas em Ciência dos Materiais e Arqueologia. Ao longo deste tempo, foram estudados milhares de artefactos metálicos de tipologias (utensílios, armas, ornamentos, ourivesaria e elementos de arquitetura) e composições (ligas de cobre, ouro, prata e chumbo) diversas, visando estabelecer a sua origem e processos de fabrico, bem como avaliar a evolução no seu uso e identificar influências exógenas, desde o Calcolítico ao Império Romano. Os materiais estudados provêm de coleções de Museus ou são fornecidos por arqueólogos após trabalhos de escavação. Os estudos decorrem, em geral, no âmbito de projetos de investigação científica financiados e de dissertações de mestrado e doutoramento. Foram utilizados equipamentos de análise química, isotópica e de datação, instalados no CTN, bem como outros de microanálise, instalados na FCT-NOVA. Nesta comunicação serão apresentadas as metodologias utilizadas e serão discutidos alguns resultados e a sua contribuição para a compreensão da evolução da arqueometalurgia no território atualmente português.

M. Fátima Araújo. C2TN, DECN, IST, UL. Investigadora Principal, coordena o Grupo Radiações, Elementos e Isótopos no C2TN. Coordenou vários projectos de I&D subsidiados pela FCT em História e Arqueologia e Ciências da Terra, do Mar e do Ambiente. Orientou cerca de vinte teses de mestrado e doutoramento e é autora cerca de 200 publicações das quais mais de 100 artigos ISI.

ARCHAOMETRIC METHODOLOGIES APPLIED TO CULTURAL HERITAGE. TWO CASE STUDIES

Luís Filipe Vieira Ferreira (1), Isabel Ferreira Machado (1)(2),
Manuel Francisco Costa Pereira (3)

(1) CQFM- Centro de Química-Física Molecular and IN-Institute of Nanoscience and Nanotechnology and IBB-Institute for Bioengineering and Biosciences, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa.

(2) Polytechnic Institute of Portalegre, P-7300-110.

(3) CERENA- Centro de Estudos em Recursos Naturais e Ambiente, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa.

The first archaeological evidence reported for Hispano-Moresque tile production in Portugal was discovered at Santo António da Charneca, late 15th or early 16th centuries' pottery kiln, south riverside of Tagus River. Samples from this kiln were studied with the use of non-invasive spectroscopies, namely: micro-Raman, Ground State Diffuse Reflectance Absorption (GSDR), Fourier-Transform Infrared (FTIR) and X-Ray Fluorescence Emission (XRF). XRD experiments were also performed.

The same techniques were also used to study a Neolithic ceremonial cup, dated 3,400 B.C. unearthed from the São Paulo Cave, Almada, Portugal.

In both cases the mineralogical composition of ceramic bodies were compared with clays collected in the North and South benches of river Tagus, as much as possible from the same clay sources, as an attempt to establish provenance of these ancient ceramics.

The obtained results for the ceramic bodies of the Santo António da Charneca ceramics and clays evidence a Pliocene origin [1]. The spectroscopic trend observed for the ceremonial cup revealed a Miocene origin of the used clays, most probably from the Palença clay sources, located not far from the cave.

[1] L.F. Vieira Ferreira, *et al.*, J Raman Spectrosc., 45 (2014) 838-847.

Luís Filipe V. Ferreira. Associate Professor with habilitation of IST, UL. Current main research interests – Archaeometry studies of glazes, pigments and pastes of Portuguese faiences and tiles: PIXE, XRF, micro-RAMAN, GSDR, FT_IR, LIF, LIP for use in the science-art interface. Surface Photochemistry.

O CONTRIBUTO DA LUMINESCÊNCIA PARA A AUTENTICIDADE E DATAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL

Ana Luísa Rodrigues (1), Maria Isabel Dias (1)(2)

(1) Centro de Ciências e Tecnologias Nucleares (C2TN), Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa.

(2) Departamento de Engenharia e Ciências Nucleares, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa.

A luminescência é um processo físico de emissão de luz que se relaciona com a energia acumulada na rede cristalina dos minerais desde a sua última exposição à luz ou a temperaturas elevadas. Essa energia (dose absorvida), acumulada ao longo do tempo pela radiação ionizante que existe naturalmente num material e/ou no seu ambiente, pode ser determinada em laboratório permitindo autenticar um objeto. A dose absorvida permite autenticar objetos do património cultural, distinguindo produções pré-históricas / históricas de falsificações recentes. A razão entre a dose absorvida, determinada aplicando protocolos de luminescência, e a taxa de dose, estimada com base na dosimetria e análises químicas, que é possível determinar a idade de um objeto: Idade de luminescência (a) = dose absorvida (Gy) / taxa de dose (Gy/a). A luminescência tem sido amplamente aplicada em estudos de cronologia, tanto em materiais geológicos como do património cultural. Esta técnica tem como vantagem permitir datar objetos e contextos de origem mineral de forma direta, e numa gama de idades mais extensa que outros métodos de datação absoluta. Pode ser aplicada em contextos arqueológicos desprovidos de matéria orgânica e tem-se revelado útil no estudo de dinâmicas de acumulação de materiais e artefactos, e delimitar eventos de construção, ocupação e abandono nestes contextos. Para o caso de objetos do património cultural sujeitos a processos de cozedura, a luminescência permite não só a datação como a permite inferir sobre a tecnologia de produção, caracterizando o evento de aquecimento. Serão apresentados protocolos laboratoriais e de medida para ultrapassar os constrangimentos associados à amostragem (micro-invasiva) de materiais do património cultural e para os casos em que se desconhece o historial dosimétrico dos contextos e objetos.

Ana Luísa Rodrigues é licenciada e mestre em Química pelo IST e doutorada em Geociências pela Universidade de Aveiro. Especializou-se em dosimetria por luminescência com estudos avançados na DTU Riso e na sua aplicação em materiais e contextos geológicos e do património cultural. Atualmente, está a desenvolver um programa de pós-doutoramento neste domínio no C²TN-IST.

O DESENHO E A ILUSTRAÇÃO NA INVESTIGAÇÃO E NA COMUNICAÇÃO EM GEOGRAFIA

Carla Mora (1)

(1) Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa.

Tradicionalmente, quando pensamos em geografia lembramo-nos de mapas. Na realidade, desde pelo menos os babilónios, no século XI AC, que tentamos desenhar corretamente a superfície da Terra. Com o passar dos tempos, as técnicas cartográficas foram sendo apuradas graças a métodos e instrumentos que permitiram referências mais detalhadas de localização e de representação. Mas a geografia não são apenas os mapas e no caminho para a Geografia moderna, dos modelos, cenários e prognósticos, foi necessário um entendimento holístico dos territórios e da paisagem, o qual foi e tem sido auxiliado pelo desenho e pela ilustração. Estes servem tanto para a consolidação do conhecimento, como para a sua melhor comunicação, tanto entre pares, como para o público em geral. Um excelente exemplo está patente na obra de Humboldt, baseada numa atitude científica de observação, registo, descrição, análise e recolha de dados. Esta, apresenta-se sempre acompanhada de desenhos pormenorizados da paisagem e da fisionomia da vegetação, revelando uma concepção integradora da natureza e da sua dinâmica. Orlando Ribeiro, Ilídio do Amaral e Suzanne Daveau, grandes mestres da Geografia portuguesa, cerca de 100 anos mais tarde, mostraram também a importância da ilustração para o desenvolvimento do conhecimento geográfico. São exemplo disso inúmeras publicações na Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia desde a criação do Centro de Estudos Geográficos em 1943. Atualmente, continuamos a representar a superfície da Terra, mas também o fundo dos oceanos, a superfície de Marte e de outros planetas. Dominam hoje as técnicas digitais, com o auxílio de computadores, sensores, plataformas diversas e de realidade aumentada, que nos ajudam a ver mais, e a encontrar novas relações que até agora nos escapavam. São tempos de muita informação e de elevada especialização, criando novos desafios para a divulgação científica. Esta, só consegue ter sucesso quando a mensagem é transmitida de forma clara, inequívoca e simples, aspetos difíceis de conseguir no discurso científico. Por isso, o desenho das paisagens, os perfis topográficos, os cortes geológicos, os blocos diagrama, as infografias e outros tipos de esquemas, enquadrados nas capacidades técnicas atuais, são ainda essenciais em Geografia, auxiliando a materializar o conhecimento acerca dos fenómenos naturais, de forma a serem inteligíveis.

Carla Mora é doutorada em Geografia Física pela Universidade de Lisboa, Professora Auxiliar no Instituto de Geografia e Ordenamento do Território e investigadora no Centro de Estudos Geográficos, onde integra o grupo de investigação Zephyrus – Alterações climáticas e sistemas ambientais. Os seus interesses de investigação centram-se nos climas das montanhas, na deteção remota da neve e da vegetação, e no estudo dos efeitos das alterações climáticas nos ambientes com permafrost. Desenvolveu o seu doutoramento sobre os climas da serra da Estrela e tem participado em diversos projetos de investigação em Portugal, na Antártida, no Ártico (Svalbard e Canadá), Cabo Verde e Marrocos.

ESTUDO DE UM CONJUNTO DE GRAVURAS DE RAFAEL BORDALO PINHEIRO – CIÊNCIAS DA ARTE E CONSERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO GRÁFICO

Rita Nobre Peralta (1)(2), Alice Nogueira Alves (1)

(1) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA).

(2) Laboratório HERCULES – Herança Cultural, Estudos e Salvaguarda.

O projeto *As Técnicas de Gravura empregues na Obra de Rafael Bordalo Pinheiro – Estudo técnico e material de documentos gráficos, sua preservação e conservação*, integrado no Doutoramento em Belas-Artes – Ciências da Arte, visa o estudo de um conjunto de gravuras de Rafael Bordalo Pinheiro que se centra no aprofundamento do conhecimento técnico e material dos elementos constituintes de cada documento, tendo por base a utilização de um conjunto de ferramentas analíticas e metodologias laboratoriais associadas à área da preservação e conservação de documentos gráficos.

A investigação científica em curso, desenvolvida em parceria com o Laboratório HERCULES e o Laboratório de Conservação e Restauro de Documentos Gráficos do Instituto Politécnico de Tomar, tem vindo a aprofundar os conhecimentos técnicos e materiais de 26 gravuras selecionadas do acervo do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, escolhidas segundo parâmetros de datação, estado de conservação e tipologia, perspetivando-se um universo de análise tão abrangente quanto possível. Os resultados obtidos até ao momento possibilitaram a obtenção de dados importantes, não só para a implementação de novas metodologias de preservação do património gráfico, mas, também, a aquisição de contributos para o conhecimento dos contextos artísticos à época do autor, com particular incidência em importantes detalhes relacionados com a arte gráfica produzida em Portugal na segunda metade do século XIX.

Rita Nobre Peralta licenciada em Conservação e Restauro de Documentos Gráficos pelo Instituto Politécnico de Tomar em 2006 desenvolve atualmente a sua pesquisa de doutoramento sobre as técnicas de gravura do século XIX utilizadas em Portugal, com especial atenção para a implementação de metodologias de preservação e para o estudo técnico e material das gravuras produzidas pelo artista português Rafael Bordalo Pinheiro. Bolseira de Doutoramento FCT-HERITAS Estudo de Património: PD/BD/143040/2018. E-mail: a.rita@campus.ul.pt.

Alice Nogueira Alves. Professora Auxiliar Convidada da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e investigadora integrada do CIEBA. Conservadora restauradora, doutorada em História da Arte, Património e Teoria do Restauro na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 2009, e pós-doutorada em Belas-Artes na Faculdade de Belas-Artes da mesma Universidade, em 2017. E-mail: alicenalves@gmail.com / a.alves@belasartes.Ulissboa.pt

NÃO BASTA OLHAR, É PRECISO VER: A ARTE EM AZULEJOS NAS ESTAÇÕES DO METRO DE LISBOA

Graziela Salvatori de Menezes (1)

(1) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes.

O artigo procura abordar questões relativas ao espaço onde se insere a obra de arte e como ela é percebida pelo público nos lugares de passagem. Desta forma, busca-se observar de que modo é possível incitar o interesse pelas obras expostas em espaços de trânsito. O estudo de pesquisa decorre no Metropolitano de Lisboa por se tratar de um espaço com fins específicos de passagem, além de possuir obras de arte pública em toda sua extensão da rede de metro. O estudo foi desenvolvido através de pesquisa de campo, envolvendo questões fechadas de forma indireta sobre a percepção do utente do metro em relação as obras nas estações e observações referentes ao comportamento do público perante a espera do comboio. Diante da análise dos resultados de pesquisa, identificou-se a necessidade em criar recursos para dar maior visibilidade as obras nas estações. O objetivo deste estudo é valorizar o património azulejar no Metropolitano de Lisboa e sua relação com a cidade por meio da experiência quotidiana dos utentes, isso através de uma proposta de itinerários pelas estações com o uso de dispositivos móveis. Assim, pretende-se que os utentes possam adquirir um maior conhecimento cultural, transformando os espaços do metro em estímulos para despertar a percepção da arte e da cidade.

Graziela Salvatori de Menezes. Brasil, artista visual graduada em Gravura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, (UFRGS) e Mestre em Museologia e Museografia, Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes (FBAUL).

TER O MUSEU NA MÃO – A TECNOLOGIA *BEACON* NA MUSEOLOGIA

André Rosado Guedes (1)

(1) Direção-Geral do Património Cultural.

Este artigo tem como objetivo mostrar a potencialidade que a tecnologia *beacon* pode ter em variadíssimos espaços museológicos, bem como clarificar que nem sempre a tecnologia é parte desviante da obra, pois aqui procura-se que esta seja complemento da obra e não que a obra seja complemento desta.

Ter o museu na mão significa duas coisas: servir e ser-se servido. Primeiro, por poder proporcionar ao visitante uma experiência mais enriquecedora e interativa, onde para além de lhe serem transmitidos todo o tipo de informações – em todos os formatos – acerca da obra que está a ver, é também possível imergi-lo na obra, fazendo com que este interaja com a mesma. Em segundo, por ser possível conseguir através da aplicação desta tecnologia, estudar a reação deste para com as obras, assim como o seu comportamento dentro do museu, dados que se podem tornar interessantíssimos para o estudo de exposições.

Antes de serem apresentados vários exemplos de museus onde esta tecnologia já foi aplicada, é feita uma caracterização do que são os *beacons*, para que se entenda também o seu funcionamento, a sua comunicação com os nossos aparelhos, e quais as suas potencialidades.

Por fim, e entrando mais ao detalhe, é apresentado o exemplo do Museu Nacional dos Coches, onde a tecnologia *beacon* foi implementada, tendo sido feita uma recolha da informação em bruto coletada pelos *beacons* no interior do museu durante um período de 14 meses.

André Rosado Guedes. Portugal, historiador e museólogo, técnico superior na Direção-Geral do Património Cultural no projeto: Sistemas de Informação em Património Cultural. Licenciatura em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; Mestrado em Museologia e Museografia pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

O PATRIMÓNIO ENCENADO PELO TURISMO: UMA REFLEXÃO TEÓRICA

Bruna Lobo (1)

(1) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA).

O homem, invariavelmente, busca meios de um reencontro com o passado e o fomento do turismo é uma das formas mais concretas alcançadas até hoje. A partir da última década do século XX, constatamos uma elevada procura pelos turistas por lugares históricos. Acreditamos que o desenvolvimento da internacionalização acarretou no homem moderno, uma espécie de nostalgia, uma força maior por reconhecer alguma relação com o património. É nessa procura que, diante de monumentos, turistas são provocados a posarem para fotografias. Essa atitude, em cadeia diante de edificações históricas, nos despertou para uma outra encenação que acontece com o património a fim de garantir a sua preservação: a possível encenação da restauração para atividades de lazer.

Partindo da noção sobre monumento proposto pelo historiador de arte Alois Riegl (1858-1905) no livro fundamental “O Culto Moderno dos Monumentos” (1902), refletiremos sobre o papel do turismo na preservação de edificações. É inegável os contributos da relação entre o património e o turismo. Todavia, nessa vinculação existe um condicionamento sobre o qual focamos o nosso olhar, isto é, uma complexa discussão que envolve questões relacionadas com a noção de monumento e às suas novas e possíveis utilidades pela cultura hegemônica, a qual ingressou nos últimos dez anos, em todas as formas de consumo.

Assim sendo, pretendemos refletir como pode acontecer a encenação do património através de monumentos restaurados da rede turística, considerando a ideia de que tanto o turista quanto o monumento fazem parte de uma encenação orquestrada pelo negócio da viagem.

Bruna Lobo (João Pessoa, Brasil, 1982). Doutoranda em Ciências da Arte e do Património-Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, Mestre em Turismo – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Especialista em Docência Superior e Bacharel em Turismo – Universidade Federal da Paraíba. Interessa-se por turismo, arte e filosofia. Docente, coordenadora de arte e curadora. E-mail: brunalobo@campus.ul.pt

NA SENDA DO AUTÊNTICO. A FALSIFICAÇÃO ARTÍSTICA EM PORTUGAL E A SUA RELAÇÃO COM OS MÉTODOS LABORATORIAIS.

Diana de Almeida Ramos (1), Alice Nogueira Alves (1)

(1) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA).

O tema da falsificação artística e do recurso a métodos laboratoriais como forma de peritagem revela-se simultaneamente atual e intemporal no panorama artístico e institucional português, carecendo, contudo, de um estudo científico esclarecedor. Por este motivo temos vindo a realizar uma investigação crítica e sistemática que permita caracterizar e contextualizar a produção e circulação de falsificações artísticas em Portugal desde a criação, em 1936, do “Laboratório para o Exame de Obras de Arte”, futuro Instituto José de Figueiredo, até à última grande apreensão de pintura falsa em Portugal por parte da Polícia Judiciária, em 2013 – operação Arco-Íris.

Partindo da análise unitária dos pedidos direcionados aos laboratórios nacionais especialistas nestas perícias, objetivamos determinar procedimentos face a problemas de autenticidade, comparando motivações e *modi operandi* dos intervenientes – requerentes e requeridos – relativamente a um problema comum: o falso.

Sabemos que alguns destes objetos, em determinado momento do seu percurso, quando suscitam dúvidas de classificação e atribuição, frequentam um espaço análogo, o Laboratório, independentemente da sua morfologia, proveniência ou tutela. No entanto, o desconhecimento das circunstâncias em que estas perícias são realizadas e a falta de organização e documentação destes processos laboratoriais podem facilitar e potenciar a reintrodução fraudulenta no mercado de arte.

Diana de Almeida Ramos, Mestre em Museologia e Museografia, pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa em 2013, licenciada em História da Arte, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 2010, desenvolve atualmente o seu projeto de doutoramento sobre o Laboratório enquanto espaço-chave para a autenticação de obras de arte, investigando o contributo dos métodos laboratoriais para identificação de falsificações artísticas em Portugal. Dedicar-se igualmente ao estudo do fenómeno da falsificação de obras de arte nos seus diferentes campos de ação (policial, museológico e mercantil). Bolseira de Doutoramento Fundação para a Ciência e Tecnologia: SFRH/BD/132246/2017.

Alice Nogueira Alves. Professora Auxiliar Convidada da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e investigadora integrada do CIEBA. Conservadora restauradora, doutorada em História da Arte, Património e Teoria do Restauro na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 2009, e pós-doutorada em Belas-Artes na Faculdade de Belas-Artes da mesma Universidade, em 2017. E-mail: alicenalves@gmail.com / a.alves@belasartes.Ulisboa.pt

O CARTAZ DE CINEMA PORTUGUÊS COMO PATRIMÓNIO. UM CASO DE ESTUDO DE 1895 A 1960

Hugo Passarinho (1), Henrique Costa (1)

(1) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA).

Esta comunicação parte de um projeto de investigação que estuda o desenho no cartaz de cinema português no período circunscrito de 1895 a 1960. Assenta nos vestígios históricos do desenho/ilustração e nos campos de contágio/intersecção dos seus movimentos, protagonistas e produção artística.

Os artefactos desta investigação foram colectados na Cinemateca Portuguesa, Fundação Calouste Gulbenkian, Universidade de Aveiro e em coleções de particulares ou através de contato com realizadores e criativos para além de acervos disponíveis online. Do conjunto de cartazes recolhidos na amostragem inicial (cerca de 400) foi feita uma pré-seleção de 118 cartazes de filmes portugueses onde o desenho se destaca como elemento primordial foi necessário criar um método de análise da matéria observada de um modo sistemático e detalhado dos artefactos colectados e do registo gráfico observado.

Resulta também desta investigação uma inventariação detalhada de cada uma das obras observadas em paralelo com o filme que representam. As premissas iniciais da investigação procuraram centrar-se na validação do desenho como expressão dominante no período observado; a resposta do desenho às necessidades implícitas da realidade expressa no ecrã; quem foram os autores destas obras; a realidade de um modelo típico de cartaz de cinema português; que tipo de modelo poderíamos usar para obter um conhecimento detalhado do artefacto.

Hugo Passarinho (1978), Assistente Convidado na área de Desenho Digital na Universidade de Lisboa Faculdade de Belas-Artes. Licenciou-se em Design Gráfico no IADE, sendo Mestre em Desenho pela FBA, com a dissertação “O Desenho no cartaz de Cinema Português”. A frequentar Doutoramento em Desenho na FBA. Fundador e sócio principal da *deephive.nl – non linear creativity*.

Henrique Costa (1978), Professor Auxiliar em Desenho. Área de especialização em Desenho Digital e Anatomia Artística. Licenciado em Pintura pela FBAUL, Mestre em Desenho e Doutoramento em Belas Artes – Anatomia Artística. Actualmente professor responsável pelas unidades curriculares de Desenho Digital, Infografia e Concept Art na FBA.

MARIA KEIL E O AZULEJO EM LISBOA: ESTUDO MATERIAL DE 10 PAINÉIS NAS ESTAÇÕES DO METROPOLITANO

Camila Mortari (1)(3), Alexandre Nobre Pais (4), Alexandra Gago da Câmara (5), Marta Manso (2)(3)

(1) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA).

(2) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes.

(3) LIBPhys-UNL, Laboratório de Instrumentação, Engenharia Biomédica e Física da Radiação, Departamento de Física, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa.

(4) Museu Nacional do Azulejo.

(5) CHAIA – Centro de História de Arte e Investigação Artística.

Do ponto de vista da História da Arte, as obras de Maria Keil nas estações do Metropolitano de Lisboa é um tema bastante explorado e recorrente nos estudos sobre azulejaria [1], [2], [3], [4], [5].

Propomos aprofundar a temática sobre estas obras numa outra ótica, estudando a materialidade dos azulejos, particularmente a composição do vidrado e a paleta de cores escolhida pela artista.

Para isso selecionamos do acervo do Museu Nacional do Azulejo, azulejos que correspondem aos presentes em 10 estações do Metropolitano de Lisboa, a saber: Campo Pequeno, Picoas, Intendente, Rossio, Praça de Espanha, Parque, Anjos, Martim Moniz, Areeiro e Alvalade. Estes azulejos foram submetidos a uma metodologia não invasiva de exame e análise *ex-situ* que combina o uso da espectroscopia de Fluorescência de Raios-X (FRX) com a espectroscopia *Raman* para a obtenção de informação elementar (qualitativa e quantitativa) e dos compostos químicos constituintes do vidrado: matriz vítrea, opacificante e colorantes [6].

[1] Pereira, J. C.-B., 1989. *Maria Keil azulejos*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural.

[2] Rodrigues, A. M. et al., 2000. *O Azulejo em Portugal no Século XX*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Edições INAPA.

[3] Almeida, A. C. V. d., 2009. *Da Cidade ao Museu e do Museu à Cidade: Uma proposta de itinerário pela azulejaria de autor na Lisboa da Segunda Metade do século XX*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em Museologia e Museografia da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, orientada pela Prof^a. Doutora Luísa Capucho Arruda.

[4] Mantas, H. A. J. S., 2012. *Maria Keil, “uma operária das artes” (1914-2012)*. Coimbra, Dissertação de Doutoramento em Letras, na área de História, especialidade de História da Arte, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob orientação da Prof^a. Doutora Maria Regina Dias Baptista Teixeira Anacleto.

[5] Pais, A., 2014. Azulejo. Em: *Maria Keil: de propósito, obra artística*. Lisboa: INCM – Paula Mendes.

[6] Mortari, C. et al., 2019. *Micro-Raman and X-ray fluorescence spectroscopy applied to the characterization of glazes from Portuguese azulejos*. Potsdam, 10th International Congress on the Application of Raman Spectroscopy in Art and Archaeology.

Camila Mortari é doutoranda na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL), e bolseira do Programa Doutoral HERITAS (PD/BD/143059/2018). É mestre em Ciências da Conservação, Restauro e produção de Arte Contemporânea pela FBAUL e licenciada em Ciências da Arte e do Património pela FBAUL.

CONSERVAÇÃO PREVENTIVA DE COLEÇÕES NO PATRIMÓNIO EDIFICADO ADAPTADO

Miguel Matos Gomes (1), Alice Nogueira Alves (1)

(1) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA).

É um atributo inerente da função museológica a capacidade de o espaço contribuir preventivamente na conservação da sua coleção. Esta capacidade torna-se uma problemática urgente quando os núcleos museológicos estão inseridos em edifícios históricos adaptados.

O projeto que agora se apresenta, *Conservação preventiva de coleções no património edificado adaptado*, enquadrado no Doutoramento em Belas-Artes da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, propõe o estudo minucioso da relação entre estes espaços e as suas coleções, com o objetivo de se aprofundar o conhecimento dos fatores de risco que são consequência dessa relação.

Partindo da premissa de que o espaço funciona como um todo, serão detalhadamente classificadas todas as suas contribuições físicas, químicas e ambientais importantes para a relação com a coleção, tendo em consideração as suas características formais, os seus diferentes métodos construtivos e as intervenções posteriores de que foi objeto. É essencial também o estudo pormenorizado das diferentes obras pertencentes à coleção exposta.

Para um conhecimento correto da relação espaço-peça, foi considerada a utilização do B.I.M. como sistema de gestão, monitorização, interpretação e representação de informação, constituindo-se também como uma plataforma de gestão e partilha de dados.

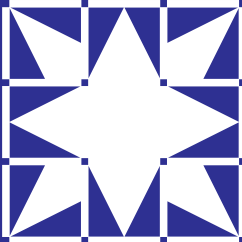
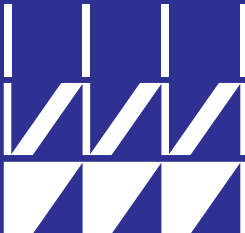
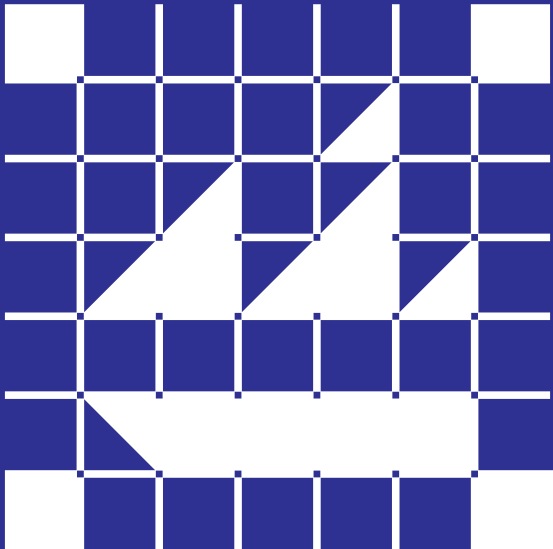
A partir do estudo e análise da informação obtida propomos a criação e implementação de novas soluções sustentáveis que possam contribuir para a conservação preventiva das coleções.

No âmbito da investigação deste projeto, pretende-se também que sejam estudados outros espaços históricos, que apesar de não serem museus, contenham núcleos museológicos de importância relevante.

Miguel Matos Gomes. Licenciado em Arquitetura em 1995 na Uni. Lusitana e em Ciências da Arte e do Património em 2019 na FBAUL, atualmente aluno do Doutoramento em Belas-artes na mesma faculdade. Elaborou estudos e projetos de arquitetura, bem como fiscalização e direção de obra de alguns edifícios de interesse patrimonial.

Alice Nogueira Alves. Professora Auxiliar Convidada da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e investigadora integrada do CIEBA. Conservadora restauradora, doutorada em História da Arte, Património e Teoria do Restauro na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 2009, e pós-doutorada em Belas-Artes na Faculdade de Belas-Artes da mesma Universidade, em 2017. E-mail: alicenalves@gmail.com / a.alves@belasartes.Ulisboa.pt

Pósteres



PRIMEIRA CARTA GEOLÓGICA DE ANGOLA – MISSÃO, PROTAGONISTAS E COLEÇÕES

Manuel Francisco C. Pereira (1), Inês G. B. Pinto (2), Liliana Póvoas (3)

(1) CERENA- Centro de Estudos em Recursos Naturais e Ambiente, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa.

(2) MUNHAC- Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa, Rua da Escola Politécnica.

Em 1921, o então Alto-Comissário Norton de Matos (1867-1955) cria a Missão Geológica de Angola (MGA) com o objetivo de elaborar a Carta Geológica de Angola (CGA). A Missão, com sede no Huambo, foi chefiada no terreno por António Sousa Torres (1876-1958) “naturalista-geólogo” do Museu Nacional de História Natural (MNHN), então anexo à Faculdade de Ciências que assume a iniciativa. Em Lisboa, Ernest Fleury (1878-1958), geólogo assistente da MGA e professor do Instituto Superior Técnico (IST), acompanha a missão e elabora estudos sobre materiais recolhidos. Os primeiros resultados são apresentados no Congresso Geológico Internacional de Bruxelas (1922), onde se define a intenção de editar a Carta Geológica de África. A MGA termina em 1931 e a CGA é apresentada apenas em 1933 em Washington.

Os milhares de exemplares de rochas e a documentação associada à MGA encontram-se atualmente dispersos em vários locais e instituições portuguesas e angolanas. Em Portugal, estão referenciados pelo menos dois importantes núcleos com coleções e espólios, o Museu Nacional de História Natural e da Ciência da UL e os Museus de Geociências do IST. Para além de amostras, cartas geológicas, fotografias e publicações, são de destacar os espólios pessoais de Sousa Torres e Fleury, contendo correspondência trocada durante a MGA. No sentido de compreender este importante desígnio político, técnico e científico português, estão em curso diversos trabalhos de inventário, recuperação e análise documental.

Manuel Francisco Costa Pereira. Mestre em Geoquímica e Doutor em Engenharia de Minas no IST. Experiência em diversos domínios de investigação, sobretudo, na caracterização físico-química de materiais naturais. Professor Auxiliar no IST. Membro do CERENA-IST e responsável pelos Museus de Geociências do IST. Experiência em divulgação científica.

A TECNOLOGIA METALÚRGICA ANTIGA NO SUDOESTE DA PENÍNSULA IBÉRICA

Pedro Valério (1), Maria Fátima Araújo (1), António M. Monge Soares (1),
Susana S. Gomes (1), Filipa Lopes (1), Rui J.C. Silva (2)

(1) C2TN, Instituto Superior Técnico.

(2) CENIMAT/i3N, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNL.

A investigação em arqueometalurgia tem vindo a caracterizar a produção e utilização do metal no território nacional do Calcolítico ao Império Romano. Os estudos envolvem diversos materiais (minérios, cadinhos, escórias e artefactos), sendo as características arqueológicas e cronológicas relacionadas com a composição elementar, isotópica e microestrutural. Relativamente a alguns resultados mais significativos, verificou-se a associação do Campaniforme ao cobre arsenical, o qual seria apreciado em itens de prestígio devido à cor prateada. No milénio seguinte surgem as primeiras evidências da prata (2000-1750 a.C.), bem como do chumbo e do bronze (1750-1500 a.C.), cujas antiguidade e composição sugerem contactos com outras regiões. No I milénio a.C., identificou-se a diversificação das ligas de cobre, bem como novas técnicas de produção de joalheria com influência fenícia. Da Época Romana, destacam-se novas ligas (Cu-Pb, Cu-Zn, Cu-Zn-Pb e Cu-Sn-Zn) e a reciclagem de sucata, sugerindo uma tecnologia influenciada por factores económicos. Foram também identificadas as regiões mineiras da Faixa Piritosa Ibérica, Serra Morena e Zona de Ossa Morena como possíveis fontes do chumbo utilizado em importantes urbes, tais como Conimbriga, Augusta Emerita e Mirobriga.

Agradecimentos

Projectos UID/Multi/04349/2019 e UID/CTM/50025/2019, financiados pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Ao Departamento de Conservação e Restauro (FCT-NOVA) pela utilização do espectrómetro de micro-EDXRF.

Pedro Valério. C2TN, DECN-IST. Especialista em arqueometalurgia no território português, tendo participado como investigador em diversos projectos na área do Património Cultural, e sendo autor ou co-autor de dezenas de publicações em revistas internacionais e nacionais com arbitragem científica, capítulos de livros e artigos em actas de encontros científicos.

O RESTAURO DO MOSTEIRO DA BATALHA NO SÉCULO XIX: AS INFILTRAÇÕES COMO UMA DAS “CAUSAS PRINCIPAES DA RUINA DO EDIFÍCIO”

Clara Moura Soares (1)

(1) ARTIS – Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

O Mosteiro da Batalha, escassos anos após o decreto de 30 de maio de 1834 que determinou a extinção das ordens religiosas, foi alvo de uma profunda intervenção de restauro, constituindo o primeiro grande estaleiro de restauro monumental a ter lugar no nosso país. A par da exaltação das suas características arquitectónicas, invocadoras do gótico inglês e dignas de projecção internacional, acrescia a sua valorização enquanto monumento pátrio, memória viva das glórias de Aljubarrota, dos seus heróis e da “Ínclita Geração”, que se ali se encontra sepultada.

A ampla campanha de restauros iniciada em 1840, primeiro sob orientação do engenheiro Luís da Silva Mouzinho de Albuquerque, depois do arquiteto Lucas José dos Santos Pereira e, até ao final do século XIX, do construtor-chefe José Augusto Fragoso, viria a determinar profundas intervenções no extinto complexo monástico. Movidas por critérios que pugnavam pela devolução do edifício a um estado mais puro e original, acrescidas de um profundo espírito laicista, preconizaram igualmente o combate à situação de ruína em que o mesmo se encontrava, motivada por diversas circunstâncias, entre as quais as copiosas infiltrações registadas e o adiamento de uma ação concertada que procurasse obstar à situação. As lacunas nos vitrais, as fragilidades no isolamento das coberturas, as más condições dos telhados e a ausência ou envelhecimento do preenchimento das juntas dos blocos pétreos estavam entre as principais causas da permeabilidade do conjunto arquitectónico, consentindo um indesejável e prejudicial percurso da água pelo edifício.

É das medidas levadas a cabo no estaleiro batalhino, ao longo do século XIX, destinadas a travar os problemas da água que nos propomos tratar neste poster, destacando intervenientes, métodos e materiais, através da releitura da *Memoria Inedita Acerca do Edifício Monumental da Batalha*, de Mouzinho de Albuquerque, e de documentação arquivística, alguma dela inédita.

Clara Moura Soares é Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigadora integrada do ARTIS – Instituto de História da Arte da mesma Faculdade. Licenciou-se em História, Variante de História da Arte (1996), na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde também obteve o grau de Mestre em Arte, Património e Restauro (1999). Doutorou-se em História, especialidade de História da Arte (2006), na mesma faculdade, com a tese *As Intervenções Oitocentistas do Mosteiro de Santa Maria de Belém: o Sítio, a História e a Prática Arquitectónica*. Faz parte da equipa de investigação dos seguintes projectos: CuCa_RE: Curar, Cuidar, Reabilitar – O estudo dos edifícios da saúde construídos em Portugal no século XX (2016-2019) financiado pela FCT; os *Mármoreos da Anticlinal no Alentejo – 2.000 Anos de Memória e Património* (2017-2019), financiado pelo FEDER (Fundo Europeu de Desenvolvimento

Regional). Tem desenvolvido investigação e orientado dissertações de mestrado, teses de doutoramento e pós-doutoramentos em diversos domínios das Ciências do Património, nomeadamente, da sua gestão, do inventário, do colecionismo e da história e teoria do restauro. É subdiretora e editora geral da Revista eletrónica ARTis ON <http://artison.letras.Ulisboa.pt/index.php/ao>.

REFLECTANCE TRANSFORMATION IMAGING TO STUDY OF CULTURAL HERITAGE OBJECTS

Victoria Corregidor (1)(2), Renato Dias (3), Norberto Caterino (2), Carlos Cruz (2), Luís Cerqueira Alves (1), João Cruz (4)

(1) C2TN, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa.

(2) IPFN, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa.

(3) MEEC, Instituto Superior Técnico.

(4) LIBPhys-UNL, Universidade Nova de Lisboa.

This work describes the development of a portable set-up to perform Reflectance Transformation Imaging (RTI). RTI is an imaging technique which registers information about surface reflectance [1,2], allowing the visualization of bas-relief of objects. Variety of objects can be studied, in this work two examples are given: a copper coin (5 reais) mint in 1867 and an old document. Different features of the surface are highlighted when using adequate filters. The images can be analysed by remote researchers avoiding the transportation of objects, minimizing also the manipulation.

Acknowledgements

Support from C.Chaves, L.M. Ferreira, M. Fonseca, E. Alves, T. Fonseca, C. Silva, F. Azevedo is acknowledged. Special thanks to R. Winstanley, C. Chu and Impersol Lda. Support from FCT is acknowledged (EXPL/EPH-ARQ/1015/2013 and UID/Multi/04349/2019).

[1] T. Malzbender, D. Gelb, H. Wolters, doi:10.1145/383259.383320

[2] CHI, <http://culturalheritageimaging.org/>

Victoria Corregidor (VC) is a researcher from C2TN-IST, focusing her work on the application of ion beam analytical techniques to study advanced materials and cultural heritage artefacts. She also has oriented several students, including PhD and MSc.

VARIAÇÕES COMPOSICIONAIS E DE LUMINESCÊNCIA EM CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS – CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DA DINÂMICA DE PREENCHIMENTO EM FOSSOS PRÉ-HISTÓRICOS (PERDIGÕES, PORTUGAL)

Ana Luísa Rodrigues (1), Maria Isabel Dias (1)(2), António Carlos Valera (3)(4),
Maria Isabel Prudêncio (1)(2), Rosa Marques (1)(2), Dulce Russo (1)(2)

(1) Centro de Ciências e Tecnologias Nucleares (C2TN), Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa.

(2) Departamento de Engenharia e Ciências Nucleares, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa.

(3) ERA Arqueologia S.A.

(4) Interdisciplinary Center for Archaeology and Evolution of Human Behavior (ICArHEB), Universidade do Algarve.

Este trabalho visa contribuir para o estabelecimento de cronologias e dinâmicas de preenchimento de estruturas arqueológicas negativas utilizando artefactos de cerâmica. Realizaram-se estudos composicionais (análise ativação neutrónica – AAN; difracção de raios-X – DRX) e de datação por luminescência em 20 cerâmicas das diferentes unidades estratigráficas identificadas num fosso do sítio arqueológico de Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Portugal). Aplicaram-se protocolos de luminescência, estimulada óptica e termicamente para avaliar a dose absorvida, e estimaram-se os teores de K, Rb, Th e U por AAN e espectrometria gama *in situ*, para a determinação da taxa de dose. A associação mineralógica das cerâmicas, que inclui filossilicatos, quartzo, feldspatos e anfíbolos em diferentes proporções e as ligeiras variações da composição química apontam para uma produção locais. A variação composicional dos artefactos cerâmicos e os estudos dosimétricos por luminescência permitiram definir a taxa de preenchimento do fosso que terá sido mais gradual nas unidades da base. A aplicação desta abordagem complementar permitiu datar os materiais e melhor definir a dinâmica de preenchimento deste tipo de estruturas.

Ana Luísa Rodrigues é licenciada e mestre em Química pelo IST e doutorada em Geociências pela Universidade de Aveiro. Especializou-se em dosimetria por luminescência com estudos avançados na DTU Riso e na sua aplicação em materiais e contextos geológicos e do património cultural. Atualmente, está a desenvolver um programa de pós-doutoramento neste domínio no C²TN-IST.

BASÍLICA DA ESTRELA: A PEDRA, PATOLOGIAS E MECANISMOS DE ALTERAÇÃO

Carlos Figueiredo (1), António Maurício (1), Manuel Francisco (1)

(1) CERENA – Centro de Estudos em Recursos Naturais e Ambiente, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa.

A Real Basílica da Estrela, de estilo neoclássico, não obstante incluir alguns elementos barrocos, é o mais notável monumento do séc. XIII da cidade de Lisboa e encontra-se situado em plena área urbana. É considerado o mais importante monumento religioso levantado em Lisboa, depois do Terramoto de 1755 e, com o seu imponente zimbório que se eleva sobre o casario circundante, é, sem dúvida, um dos edifícios que mais influencia a paisagem urbana da parte ocidental da cidade.

Apresenta-se o estudo do decaimento da pedra natural (calcários jurássico-cretácicos da região de Lisboa), utilizada na sua construção. Este assenta na caracterização tecnológica que compreende estudos mineropetrográficos, químicos, petrofísicos e ensaios de alteração e alterabilidade (envelhecimento acelerado), quer de amostras coligadas em pedreiras da região, tidas como prováveis fornecedoras no passado das pedras do monumento, quer dos “produtos de alteração” coligidos “in situ”, isto é no monumento.

Estabelece-se, desse modo, a tipologia dos principais fenómenos de alteração da “pedra” da Basílica da Estrela das principais patologias observadas, de estudos mineroquímicos dos produtos de decaimento e da caracterização das texturas de alteração usando de técnicas de aquisição, processamento e análise de imagem. Paralelamente procedeu-se à caracterização do microclima no interior da Basílica e ao levantamento histórico dos trabalhos de “Consolidação e de Conservação” a que o monumento tinha sido sujeito até então.

Carlos Alberto Machado Figueiredo. Investigador Auxiliar, doutorado em Engenharia de Minas pelo Instituto Superior Técnico e Universidade Técnica de Lisboa, em 1999. É membro Integrado do CERENA (Centro de Recursos Naturais e Ambiente). Desenvolve trabalhos de investigação em Alteração, Conservação e Restauro da Pedra Natural, do Património Cultural Construído.

MATERIAIS DE BASE POLIMÉRICA PROCESSADOS POR RADIAÇÃO IONIZANTE PARA A CONSERVAÇÃO DE MOSAICOS ROMANOS E DE DOCUMENTOS E OBRAS DE ARTE EM PAPEL

Alexandra .P. Rodrigues (1)(2), Maria Helena Casimiro (1), Pedro Santos (1), Raquel Valadares Barrulas (3), Tiago Gil Paiva (3), Sílvia Oliveira Sequeira (3)(4), Marta Cristina Corvo (3), Virgílio Hipólito Correia (5), João Coroado (6), Luís Mota Ferreira (1)

(1) C2TN-IST, UL.

(2) DCR-FCT-UNL.

(3) i3N/Cenimat, DCM-FCT-UNL.

(4) VICARTE, FCT-UNL.

(5) Museu Monográfico de Conímbriga – Museu Nacional.

(6) Techn&Art, IPT.

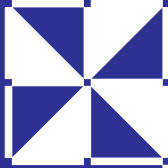
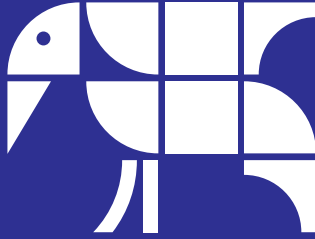
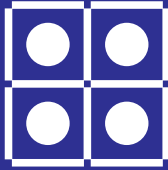
Materiais de base de polimérica têm vindo a ser preparados com sucesso por processamento com radiação ionizante, para dar resposta à crescente necessidade de conservação do património cultural. Os trabalhos aqui apresentados têm como objectivo superar dois problemas distintos: um referente à preservação de mosaicos romanos das ruínas de Conímbriga, e outro associado à dificuldade na limpeza de manchas de fungos em documentos e obras de arte em papel.

Até ao momento, foi dada atenção especial à correlação entre as diferentes condições de preparação e às propriedades dos materiais obtidos, tendo sempre em mente a optimização da adequação dos novos materiais em relação aos substratos nos quais serão aplicados. Os resultados mostram que os materiais preparados apresentam propriedades muito promissoras para serem usados em cada uma das aplicações propostas.

Agradecimentos: FCT – Projectos UID/Multi/04349/2013, UID/CTM/50025/2013, UID/EAT/00729/2013, PTDC-EPH-PAT-0224-2014, bolsa PD/BD/114410/2016; IAEA – Research Contract No. 18982 (CRP F23032).

Alexandra P. Rodrigues tem uma Lic. pré-Bolonha em Cons. e Restauro e M.Sc. em Ciências da Conservação da FCT-UNL. Trabalhou integrada em várias empresas da área. Integrou projectos de I&D, com ênfase na implementação da análise com feixe externo na microsonda nuclear do CTN/IST. Realiza o Ph.D. na caracterização de mosaicos romanos e desenvolvimento de um consolidante para a sua conservação.

Workshops



A IMPORTÂNCIA DOS MÉTODOS DE EXAME E DE ANÁLISE NO ESTUDO DO PATRIMÓNIO CULTURAL E ARTÍSTICO

Marta Manso (1)(2)

(1) LIBPhys, Laboratório de Instrumentação, Engenharia Biomédica e Física da Radiação, Departamento de Física, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa.

(2) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes.

A aplicação dos métodos de exame e análise, inicialmente desenvolvidos no domínio das Ciências dos Materiais, ao Património Artístico e Cultural dá aos historiadores a possibilidade de obter informações sobre a sua composição material, morfologia e estado de conservação. A partir desta informação é possível responder de forma fundamentada a algumas questões sobre a origem e metodologia de produção desses objetos. Este tipo de análise é também valiosa e por vezes indispensável nas decisões do conservador, nomeadamente na diferenciação de peças originais de um objeto, de acréscimos posteriores, identificação de restauros e até eventuais falsificações. Os fenómenos de degradação a que estes objetos estão expostos podem ser estudados com estes métodos e, desta forma, o conservador poderá compreender a cinética de deterioração e desenvolver tratamentos e formas de a prevenir ou retardar.

A Fluorescência de Raios-X (XRF) é um dos métodos de análise mais utilizadas no estudo do Património cultural e artístico devido ao seu carácter não destrutivo, por a portabilidade dos equipamentos permitir a realização de análises *in-situ*, e por permitir a identificação, de forma quase imediata, da composição química elementar dos materiais utilizados na sua produção.

Neste workshop serão explicados os fundamentos básicos de vários métodos de exame e a sua aplicação será ilustrada através de uma série de estudos de caso. Serão também explicados os fundamentos básicos do método de análise – XRF de forma a poder pôr em prática a sua utilização. A sua aplicação consistirá no estudo de uma pintura: paleta e enquadramento cronológico.

Marta Manso, natural de Lisboa, é doutorada em Física pela Universidade de Lisboa, onde exerce funções docentes. É investigadora integrada no LIBPhys, na linha de desenvolvimento e aplicação de técnicas analíticas para o estudo do património na qual possui vários artigos. Coordena o projeto PTDC-FCT na área do património industrial IH4Future. E-mail: m.manso@belasartes.ul.pt

OS VALORES DO PATRIMÓNIO CONTEMPORÂNEO

Alice Nogueira Alves (1), Marta Frade (1)

(1) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA).

Ao longo dos tempos o valor que atribuímos aos objetos patrimoniais vai variando consoante o nosso enquadramento histórico, social e cultural. Perceber como é feita essa identificação requer uma visão que ultrapassa os campos científicos, para se perceber as dimensões sociais e antropológicas das razões que levam à identificação de um determinado símbolo e à sua preservação. Este aspeto ainda se torna mais complexo no caso do património contemporâneo.

Neste *workshop* será realizado um exercício de discussão em grupos de casos complexos e a sua posterior apresentação.

Alice Nogueira Alves. Professora Auxiliar Convidada da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e investigadora integrada do CIEBA. Conservadora restauradora, doutorada em História da Arte, Património e Teoria do Restauro na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 2009, e pós-doutorada em Belas-Artes na Faculdade de Belas-Artes da mesma Universidade, em 2017. E-mail: alicenalves@gmail.com / a.alves@belasartes.Ulisboa.pt

Marta Frade iniciou a sua formação na Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra (EPRPS) em 1997. Em 2005 concluiu a licenciatura bi-etápica em Conservação e Restauro no Instituto Politécnico de Tomar. Desde 2018 é doutorada com a tese Conservação e Restauro de Escultura em gesso – Valorização, Metodologia e Ensino. E-mail: martacostafrade@gmail.com

Organização

U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

b
—
a

ciêba

belas-artes
ulisboa

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Apoio

